ANNO II — N. 19 DEZEMBRO DE 1926

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

PARTE DA FACHADA PRINCIPAL DA ESCOLA MATERNAL (CAPITAL)

BELLO HORIZONTE
ESTADO DE MINAS GERAES
BRASIL

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO II | Bello Horizonte, Dezembro de 1926 | NUM. 19

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

HERBART

1776 — 1841

Johann Friederich Herbart nasceu em Oldemburgo; estudou Philosophia, Mathematica, Physica e Musica na Universidade de Jena, onde foi discipulo de Fichte. Começou a ensinar tres crianças da familia Steiger, em Berna; frequentou licções de Pestalozzi e foi estabelecer-se em Bremen. Em 1802, passou elle a livre docente de Pedagogia e Philosophia em Göttingen, onde publicou a sua obra principal — *Pedagogia geral deduzida dos objectivos da educação.*

O escopo principal dos escriptos e trabalhos de Herbart resume-se no seguinte — *fundar a Pedagogia como sciencia philosophica, sobre a base da Psychologia e da Ethica.*

Em poucas palavras podemos indicar os traços geraes do systema de Herbart.

Os fundamentos da Pedagogia são a *Ethica* e a *Psychologia*. Aquella indica o objectivo a realizar na educação; esta, os meios conducentes ao resultado que se teve em vista.

A Ethica ensina as cinco *idéas praticas* que orientam a moralidade do homem, como individuo e como membro da sociedade, a saber:

1º *A idéa da liberdade interior*, que exige o accordo entre a vontade e o saber.

2º *A idéa da perfeição*, poderoso estimulo para o progresso.

3º *A idéa da bondade*, fonte da nossa collaboração ao bem estar do proximo.

4º *A idéa do direito*, que exige para cada um o que lhe pertence.

5º *A idéa da recompensa* e a correspondente do castigo, pelo bem ou mal intencionalmente praticado.

O accordo da vontade e do conjuncto das idéas praticas produz o *caracter moral.*

Segundo a Psychologia de Herbart, a vida da alma resume-se em uma mecanica de forças ou faculdades, postas em actividade pelas representações, pelas imagens exteriores. A alma é espiritual e una, mas, de certo modo, inerte; a sua vida é condicionada pelas representações do exterior. Resultam dahi *sensações e appetites*, segundo determinadas leis. Descobrir essas leis constitue o objectivo da Estatica e Dymnamica das impressões exteriores. Queria, pois, Herbart fundar a sua Psychologia sobre a Mathematica.

A Pedagogia de Herbart comprehende tres actividades — *Direcção, Ensino e Disciplina.*

1º *A Direcção* consiste em acostumar, orientar e dirigir as crianças, emquanto estas não o podem fazer por si mesmas. A direcção deve, pois, cessar logo que a criança esteja em condições de orientar-se por si mesma.

Pela direcção evitam-se a desordem, preguiça, disperdicio, etc., e inspiram-se a ordem, o asseio etc. Os meios para isso consistem nos habitos, ordens, leis, premios, castigos etc. Tudo isso descança sobre a *auctoridade* e o *amor.*

2º *O Ensino* não deve comprehender apenas o saber e o poder; deve ser essencialmente educativo. Esse ensino consistirá na acção adequada sobre o homem em formação, por meio do aperfeiçoamento moral do seu ser intimo e da sua vida, para a realização do seu destino. Para isso é preciso envolver a criança em um circulo de imagens e de pensamentos, cuidadosamente seleccionados. Mas, esse circulo de idéas e imagens só terá efficacia educativa, si despertar o *interesse* da criança.

Interesse é o conceito cardial da educação; elle é o amigo vivo no conhecimento, na verdade, no bom e no bello e o auto esforço de aperfeiçoar o saber e o poder.

O interesse não deve ser não sómente o ponto de partida da educação, mas permanecer como seu objectivo, durante toda a vida, abrangendo todos os circulos dos esforços e das actividades do homem.

O interesse é de duas naturezas a) *interesse do conhecimento*, que pode ser *empirico*, sobre os assumptos da experiencia, *especulativo*, sobre o conhecimento das causas, relações e consequencias, e *esthetico* sobre as relações dos factos com a noção do bom e do bello; b) *interesse de participação*, que pode ser *sympathico*, em relação ás pessoas, *social*, em relação á sociedade, familia, estado, egreja, e *religioso* em relação a Deus.

A producção desse interesse, dessa força educativa de todo ensino, depende:

a) da *escolha* e *coordenação* dos assumptos. E' preciso que os graus de desenvolvimento da cultura acompanhem parallelamente os de desenvolvimento da criança. Cada grau tem o seu assumpto central, de que outros procedem como os raios de um circulo. Tal é a *idéa de concentração* da escola de Herbart.

b) do *modo de apresentação dos assumptos*: Ha leis psychicas que é preciso respeitar. Apprender é receber novos conhecimentos sobre a base dos já alcançados, estabelecendo a relação entre uns e outros. Para isso são necessarios: *Attenção* para uma boa e rapida apprehensão; *divisão* e *articulação* dos assumptos; *gradação psychologica*—clareza, associação, systematização. methodo; *forma logica* do ensino.

3º *A Disciplina* tem por fim a formação do caracter. Este tem um lado objectivo que se forma pela natureza e pela educação, e outro subjectivo pela actividade autonoma do educando, pela auto-educação em periodo mais avançado da vida.

Herbart resume as suas idéas pedagogicas do seguinte modo: *O ensino forma o circulo das idéas; e a educação, o caracter; esta não pode existir sem aquelle: eis a summula da minha Pedagogia.»*

Herbart prestou o inestimavel serviço de dar á Pedagogia uma base psychologica, abrindo caminho ás mais fecundas pesquizas. O objectivo da sua educação repousa na Moral e os meios na Psychologia. O ensino é um processo psychico. Quanto melhor se conhecerem e applicarem as leis psychologicas, melhor poderá ser o ensino.

Herbart é, pois, o fundador da Pedagogia scientifica.

Pela concentração e gradação dadas ao ensino e pela necessidade de tornal-o interessante ás crianças, deu Herbart uma nova vida ás escolas. Além disso, elle formulou para a educação e ensino um objectivo elevado — a formação do caracter.

Mas, Herbart e a escola que elle formou, não estão isentos de graves censuras.

A concepção fundamental da inercia da alma é falsa. Ha ahi uma confusão em assumpto psychologico, cuja constatação nos levaria longe.

A distincção da educação em direcção, ensino e disciplina é meramente mecanica. Parece mesmo que os conheci-

A GYMNASTICA RYTHMICA, UMA COMBINAÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA E MUSICAL...

mentos mathematicos de Herbart lhe prejudicaram os vôos pedagogicos. A sua Estatica e Dynamica, relativamente ao modo de agir das impressões sobre a alma, são arbitrarias e mais nocivas que inuteis.

Na educação esqueceu Herbart ou, pelo menos, deixou muito na sombra, a sancção mais elevada, aquella que domina o destino geral do homem na terra, á caminho da eternidade, uma vez que a sua alma, como aliás o admittia Herbart, é livre, responsavel e immortal. Assim, os grandes pontos de vista sociaes faltam no systema do pedagogo allemão.

Além disso, e o que é grave, deixou Herbart em quasi completo esquecimento a educação physica, a formação do corpo, a saude, os exercicios. Todo o seu processo educativo presuppõe, pois, uma boa saude, o que é tanto mais para extranhar, quando se sabe que o grande pedagogo era exactamente um fraco de corpo e de saude.

AS TENDENCIAS ACTUAES DO ENSINO PRIMARIO

É preciso que, na escola, a criança se sinta num meio bem real, afim de que se habilite ao trato nada ficticio dos embaraços da vida pratica.

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

I

O INTERESSE — SUAS CARACTERISTICAS

Para que a criança se desenvolva precisa agir.

Si o exercicio da actividade escolar não corresponder ás exigencias da psychologia infantil, não se adaptar ás condições do meio e do momento é certo que não concorrerá para o desenvolvimento da criança; tornar-se-á assim esteril uma vez que não alcançará sua finalidade.

Toda actividade util do espirito corresponde a uma solicitação biologica. Quando a criança trabalha com *prazer*, adquire-se a certesa de ter satisfeito essa solicitação.

O valor d'esse *prazer*, do pleno exercicio da actividade em funcção de desenvolvimento já foi bem, presentido pelos nossos dirigentes quando se empenharam em tornar *apraziveis* os edificios escolares, cercando-os de jardins, provendo-os de mobiliario adequado, de tudo que revele bem estar.

Não basta entretanto esse cuidado do ambiente, pois que a mola mais forte para accionar o prazer de agir reside no *interesse*.

E' muito curiosa a controversia entre os partidarios da theoria do interesse e os que se filiam á theoria do esforço.

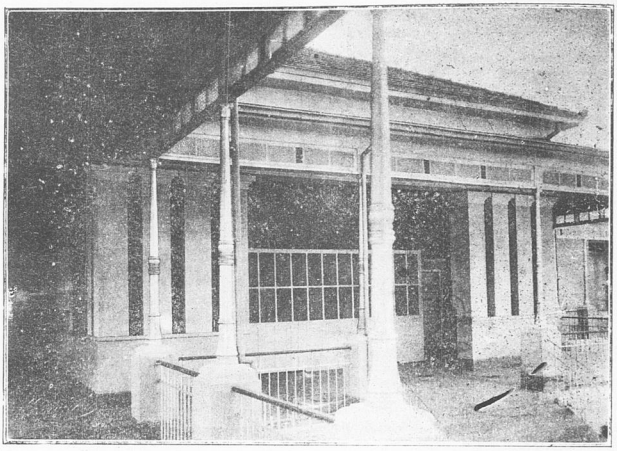
Acham os segundos que a theoria do interesse cria um meio ficticio para a criança, pois que na vida pratica é mister curvar-se ás circumstancias e nem sempre é possivel a satisfação dos desejos de cada um. Concluem d'ahi que esse caminho levará inevitavelmente á ruina da vontade quando, ao envez, o estudo de materias aridas, cuja finalidade a criança não apprehende, constitue uma excellente gymnastica cerebral que por sua continua acção disciplinará a intelligencia.

Os partidarios do *interesse* ao contrario, negam que o trabalho feito a contra-gosto conduza a qualquer disciplina psychica. O tedio é sabidamente a consequencia mais immediata e mais commum d'essa tentativa.

Os que preconizam o systema do esforço contentam-se geralmente com a applicação apenas apparente do alumno, habituando-o a fingir interesse por cousas que na realidade não o despertam, favorecendo ainda a dispersão do espirito em detrimento do trabalho mais serio e profundo.

E' sabido como a ausencia de concentração é o maior escolho para a realização da theoria do esforço.

De ambas estas theorias, apparentemente tão antagonicas, resalta um traço commum: a passividade do *Eu*.



ESCOLA MATERNAL — UMA VISTA INTERIOR.

Na theoria do esforço os factos, os objectos, as ideas são exteriores ao *Eu*; o espirito da criança só artificialmente pode conhecel-os.

O alumno não encontra na propria psychologia individual e nem no ambiente em que vive o motivo da lição que aprende. Este modo de ensino é artificial.

No outro caso, isto é,na theoria do *Interesse* a intelligencia se prende aos objectos, factos ou idéas que se salientam da lição por um caracteristico qualquer inesperado.

Muito razoavelmente John Dewey, cuja influencia tem sido tão decisiva na pedagogia, mostra que o centro de gravidade da educação deve estar na propria criança e não nos programmas ou nos compendios.

Estas considerações nos conduzem á necessidade de melhor focalizar o que seja o interesse utilisavel em pedagogia. Talvez possamos definil-o: o conjuncto dos elementos susceptiveis de accelerar o desenvolvimento do espirito e enriquecimento do *Eu*.

O defeito mais commum entre os professores consiste em referir o interesse á psychologia do adulto e não á da criança.

Nesse modo de ver, o educador se preoccupará em observar e acompanhar a curiosidade da criança, desistindo de calcar as suas aulas em moldes rigidos pre-estabelecidos.

Talvez alguem objecte ao nos ler: Mas então havemos de fazer tabula rasa da experiencia encanecida dos adultos e substituil-a pelo interesse caprichoso das crianças?

Antes de responder directamente a essa objecção, examinemos as duas caracteristicas essenciaes do *Interesse*.

1.° *O interesse é influenciado pelos habitos adquiridos.*

O interesse depende do meio. Esta influencia se confunde com os habitos que se adquirem no seio da familia. O ensino é muito mais proveitoso quando se realiza na ambiencia immediata do alumno, levando em conta as suas condições de vida para a ella adaptar os exercicios escolares.

Por exemplo: Dos quatro aos oitos annos as crianças gostam immensamente de rabiscar, de picar papel. Quando este interesse se manifesta cumpre nos apossarmos d'elle, torna-lo um ponto de apoio, cultiva-lo, disciplina-lo, fortifica-lo.

Tomemos para exemplo uma lição de Lingua Patria para 1.° anno. O programma official começa dizendo "Reproducção oral de historietas contadas pelo professor." Como praticaremos aqui o methodo preconizado ?

Basta distribuir ás crianças papel e lapis; contada a historieta e feita a repetição oral por uma ou mais crianças, convidemos os alumnos a que reproduzam em desenho espontaneo o que ouviram. A's professoras que temessem uma surpreza desagradavel assim procedendo, aconselhariamos a leitura de um dos livros da serie de Mesdames Hertz e Trouillod, por exemplo «Du grain de blé jusqu'au pain». (F. Nathan, ed. Paris 1920).

Um professor partidario da theoria do esforço certamente tentaria obter das crianças que copiassem um quadro já feito allusivo á historieta.

Por volta dos 12 annos desperta a mania das collecções.

Quem não terá observado a febre de colleccionar sellos, brindes de cigarros e hoje, mais em moda, retratos de artistas de cinema ?

E' este gosto de colleccionar um interesse novo que apparece.

A arte do mestre consistirá em attrahir esta tendencia, utilizando-a em fim mais proveitoso. Tão bem poderá ella servir de base ao ensino de Historia Natural ! !

Os interesses são instaveis; d'ahi a tendencia para achar voluveis as nossas crianças. Abandonadas a si proprias, passarão de um assumpto a outro sem razão apparente. Si lhes aguçarmos a curiosidade intellectual obteremos uma duração mais prolongada d'essas tendencias e poderemos conduzi-las ao maximo de rendimento como potenciaes educativos.

A criança que colleccionou suas plantinhas, insectos, mineraes, figuras, etc. mantem-se longamente possuida pelo seu interesse e experimenta muito maior prazer do que uma outra que ganhou sua collecção organizada inda mesmo mais rica.

Os interesses são, portanto, pontos de partida, signaes inequivocos de appettites intellectuaes, indices de novas possibilidades.

Si a educação visa organisar as faculdades do individuo de modo a facilitar-lhe um mais amplo desenvolvimento, não pode alheiar-se a essas manifestações espontaneas da criança.

2.° *Os interesses da infancia são sempre directos.*

Nesse periodo da existencia a criança refere intimamente os meios de que dispõe aos fins que pretende. Para o alumno nessa idade só tem valor o que é palpavel, positivo, visivel. D'ahi a necessidade imperiosa do material didactico.

Parece-nos que seria de boa pratica, ao menos no 1.° anno do Grupo, não se abandonasse por completo o material Froebel, Montessori ou Decroly já de uso nos Jardins de Infancia. Com isso se tornanaria nesse periodo o ensino mais concreto.

Ainda ha alguns dias ouvi a uma das nossas mais conceituadas professoras as vantagens da introducção do Material Montessori (Caixas de cartões grammaticaes coloridos) no ensino da Lingua patria. É uma opinião firmada n'um longo tirocinio profissional que bem documenta essa necessidade de se tornar mais objectivo o ensino primario em nosso meio.

Da exposição que acabo de synthetizar evidencia-se nitida a resposta á objecção que figurei: não se trata, no ensino moderno, de deixar de lado a experiencia e o tirocinio da professora. Muito ao emvez é precisamente ahi que maior esforço intelle-

ctual se exige de quem ensina e educa. De facto, á observação atilada e exacta da professora fica o dever de dosar o seu ensino pela flexibilidade intellectual de seus alumnos, a cujos cerebrosinhos a lição se ha de ir adaptando como uma luva á mão que a veste.

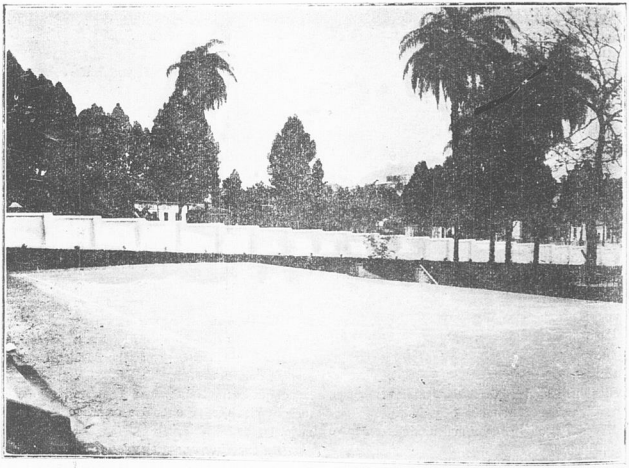
E' isto sempre possivel, pois que, sendo o *interesse* resultado do meio em que as crianças vivem, os pequenos de cada escola evoluem sensivelmente no mesmo ambiente, sendo quasi certo que despertarão suas intelligencias aos mesmos estimulos.

Á professora fica o dever de ministrar uma adaptação do programma em cada aula. O que ha é necessidade de renunciar aos programmas exaggeradamente minuciosos, portanto impraticaveis no curso primario.

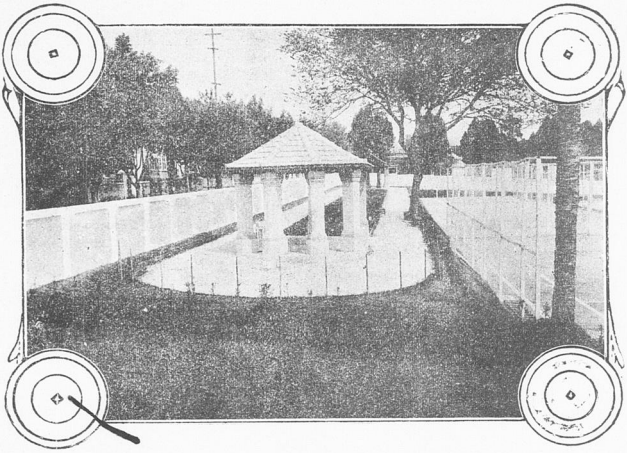
E' mister que os programmas toquem os pontos essenciaes, cogitando de fornecer ao professor assumpto com que se utilize dos elementos proprios do meio, ao alcance immediato das crianças.

E' preciso que na Escola a criança si sinta num meio bem real, afim de que se habilite ao trato nada ficticio dos embaraços da vida pratica.

Aproveitemos portanto nesse meio, para esse meio, suas inclinações espontaneas; façamos com que a criança seja o agente do seu proprio saber, ensinemos-lhe como se observa e como se estuda, e assim lhe formaremos o espirito de modo mais vantajoso do que em memorizações abstractas.



ESCOLA NORMAL MODELO — UM ASPECTO DO CAMPO DE DESPORTOS.



ESCOLA NORMAL MODELO — JARDIM INTERIOR.

II

A ACTIVIDADE MANUAL

«Il serait impossible de séparer ces deux choses: la tête et la main. Une main habile sans la tête qui la dirige est un instrument aveugle; la tête sans la main qui réalise reste impuissante».

(Claude Bernard. Introduction á l' étude de la médecine expérimentale).

Para combater o verbalismo óco que é a maior *praga* do nosso ensino é mister fazer logar mais amplo em nossas escolas aos trabalhos manuaes.

O «learning by doing» dos norte-americanos synthetiza bem os ideaes da Escola Activa, que se orienta em todos os seus detalhes, tanto na theoria como na pratica pelas normas da Biologia.

Á primeira vista parece muito restricta a vantagem dos trabalhos manuaes, entretanto basta lembrar que ha uma correspondencia intima entre o trabalho manual e o funccionamento do cerebro, para perceber que o campo é interessante e vasto.

A sciencia experimental tem verificado que ha massas cerebraes presidindo aos movimentos de coordenação.

A' medida que se vão ensaiando novos movimentos, entram em actividade novos centros, com a continuação esses impulsos vão se tornando habituaes e assim as relações entre os differentes centros do cerebro, estreitando-se, ficam mais nitidas e rapidas.

E' sabido que o desevolvimento progressivo e superior do cerebro depende precisamente da intensidade de relações entre centros sensitivos e motores.

A pratica do trabalho manual concorre efficientemente para o aperfeiçoamento d'esses centros complexos; torna-se por conseguinte um factor relevante de equilibrio e precisão intellectual.

Ad. Ferriére no seu precioso livro «L' Ecole Active», exgotta o enunciado das vantagens do trabalho manual em relação ao progresso psychologico.

Frisa bem o autor quanto o trabalho manual desenvolve a faculdade da *observação*, pois que a criança é levada naturalmente a reparar os detalhes, a medir, a calcular com exactidão. A par d'isso vae a criança tomando conhecimento das propriedades physicas do material que utiliza.

Tambem a energia muscular se tonifica á medida que se vae exercitando em certos trabalhos como na jardinagem, na marcenaria, etc.

Acham alguns autores que, até mesmo sob o ponto de vista do progresso moral como do social, não deixa a pratica dos trabalhos manuaes de apresentar consideraveis vantagens.

A meu ver, uma das mais apreciaveis é a opportunidade que offerecem para o cultivo da solidariedade. Si fizermos com que *os maiores* fabriquem uma parte do material escolar util aos pequeninos, incutir-lhes-emos o altruismo e ao mesmo tempo estimularemos com essa finalidade os noveis fabricantes. Geralmente a criança não se interessa pelo trabalho manual por falta de finalidade immediata. O sentimento da vaidade não é desenvolvido na criança a ponto de lhe satisfazer a perspectiva da «exposição do fim do anno». Nós, é que viciosamente lhes vamos cultivando esse defeito sob o pretexto de emulação.

De todas essas vantagens se infere que o ensino nos Grupos não pode collocar em segundo plano o cultivo de taes actividades.

O treinamento que a criança adquiriu no Jardim de Infancia com os trabalhinhos de recorte, modelagem, tecelagem, etc. não pode ser abandonado.

E' preciso que nos Grupos se exercite ainda mais para que se apure o adextramento das mãos, a acuidade visual indispensavel a qualquer officio.

Ha grande proveito para esse ramo de ensino em que a criança varie de trabalho; acabado por exemplo um de tecelagem, que comece um de modelagem ou outro que mais lhe interesse.

A criança deve adquirir no Grupo um grão de iniciativa que lhe permitta, por exemplo, concertar uma roupinha, ajudar no serviço caseiro, no da horta ou do jardim, da criação ou emfim de outro qualquer que a torne um elemento util ao meio em que vae evoluir.

A Escola Primaria deve facilitar a cada um os meios de ensaiar suas aptidões manuaes afim de que no limiar da vida pratica faça o adolescente uma idea dos *officios* mais communs, motivando assim a escolha da profissão em base mais segura do que em fortuita circumstancia.

Ha tanto quem exerça mal a profissão por falta de vocação adequada!!

A prosperidade da industria e da agricultura não depende só do aperfeiçoamento das ferramentas; é tambem funcção da mão de obra cuja utilização precisa ser dirigida de tal modo que se poupem as forças, intensificando o rendimento e seleccionando as aptidões.

O formidavel successo das usinas de Henry Ford é baseado justamente nesse principio tão conciso de «obter o maximo de effeitos uteis com o minimo de esforços inuteis». E' interessantissima a narração que elle faz do modo pelo qual chegou a pôr em pratica este axioma nas suas officinas. («Minha vida e minha obra». H. Ford.)

A' Escola Primaria não compete a selecção das aptidões porque estas, geralmente, só se fixam de modo definitivo pela adolescencia, quando já o menino deixou o estudo de Grupo.

Gabinetes de orientação profissional, ainda não os temos e mesmo onde os ha, os resultados obtidos não têm sido muitos concludentes. O que aliás é natural pois que esta sciencia de diagnosticar a vocação profissional exacta ainda é muito recente.

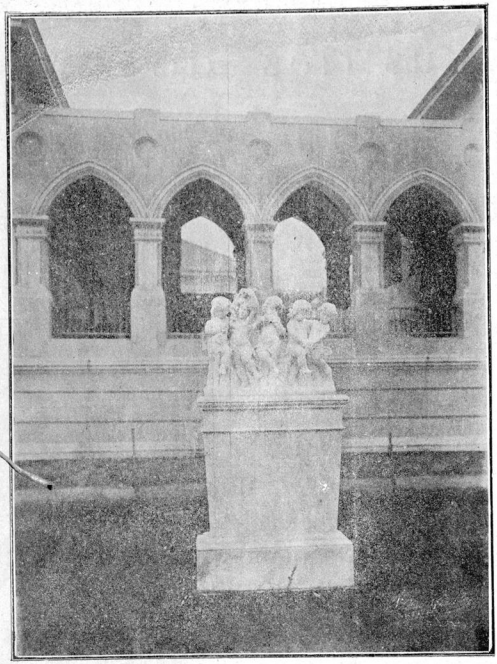
Ficaria talvez resolvido o problema si fizessem annexas aos Grupos classes de *preaprendizado* para as crianças de mais de 12 annos.

O horario fixaria uma hora de trabalho de livre escolha.

A idéa é de Pestalozzi que já no seu tempo tinha adoptado o termo e a instituição.

«De onze à midi, les élèves travaillent, sous l'inspection d'un maitre, aux choses qui leur conviennent. C'est ce qu'on appelle le travail libre et á volonté, par lequel *les enfants révèlent souvent aux yeux de l'instituteur attentif leurs talents naturels et leurs dispositions*».

E' preciso emfim, a todo custo, incutir no povo a idéa de que qualquer profissão, pedreiro, marcineiro, agricultor, criador, nada tem de menos



ESCOLA MATERNAL — GRUPO ARTISTICO DE MARMORE.

nobre do que as profissões ditas liberaes. Como se alliviaria de «incapazes que passam os exames *raspando*», as nossas escolas superiores.

Já é tempo de cuidarmos seriamente da organização do nosso ensino visando o ideal de collocar «the right man in the right place» reagindo contra esse amorphismo dos que servem para tudo!

Quizera eu ter agora a inspiração de Monsaraz, não para enaltecer as «Mãos bonitas» e sim as do operario, as do honesto trabalhador! E diria então quanto é lindo o gesto de quem semeia, diria quanto é nobre a mão que se calleja ao mauuseio diario da ferramenta!!

Certamente no Congresso que já nos está ás portas, não faltarão suggestões praticas dos technicos na materia para esclarecimentos de assumpto tão palpitante.

Voltando á citação de Claude Bernard que me serviu de thema, basta-nos repetir que o emprego intelligente da mão é uma das condições essenciaes de successo na vida.

Bemdito aquelle que indicar com segurança o roteiro a seguir para que, juntos, proficuamente, se aperfeiçoem esses potenciaes de grandeza de um povo: o cerebro e a mão!

Industrias do Brasil

BEMVINDA DE CARVALHO AZEVEDO

GEOGRAPHIA: 2.° SEMESTRE DO 3° ANNO. PROGRAMMA DOS GRUPOS ESCOLARES)

Material para lição:

a) Um mappa do Brasil, por Olavo Freire, dependurado sobre o quadro negro;

b) O esboço do Brasil, feito no quadro negro, ou em téla preta, preferivel o ultimo;

c) Varias photographias, colhidas em albuns geographicos, em tratados especiaes sobre o Brasil, que representem o surto da nossa industria, sob qualquer aspecto que se manifeste. Em Bello Horizonte, é facil encontral-os na Sociedade Mineira de Agricultura, no Gabinete de Estatistica e no Instituto Historico e Geographico.

—

A professora: Trataremos hoje, meninos, da industria em geral, no Brasil. *Industria*, no sentido da palavra, significa o conjuncto de operações necessarias para a transformação das materias primas e para a producção das riquezas. E *materia prima* é a substancia essencial de que se fabrica uma obra como, por exemplo: a fibra do algodão é materia prima para a industria de fiação; della se fazem tecidos. Já ouviram falar em tecidos de linho? Pois o linho é uma planta, ainda pouco cultivada no Brasil e poderia constituir bella fonte de renda nos Estados do Sul... Quaes são elles, Julio? Muito bem!

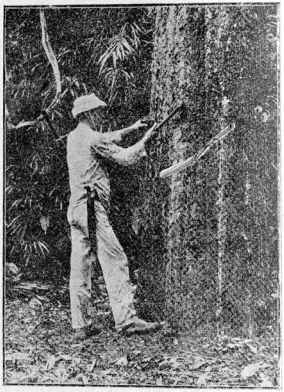
A industria, no Brasil, não attingiu á expansão desejavel. Entretanto, muito se tem desenvolvido. Temos as seguintes industrias. (Escreve no canto do quadro negro o quadro seguinte:)

Industrias do Brasil
- Extractiva
- Pastoril
- Fabril e manufactureira
- Mineração (*)
- Pesca

(*) Destacada da industria extractiva, para maior facilidade de exposição.

Na industria *extractiva*, occupam logar de destaque: a *borracha*, as *madeiras*, a *herva matte*, as *castanhas*.

A borracha é uma das principaes fontes de renda nacional. Exportamos, isto é, vendemos



EXTRACÇÃO DA GOMMA-SANGRANDO A SERINGUEIRA (CORTE)

para o extrangeiro, muita gomma elastica, si bem que tenhamos serios concurrentes nas possessões inglezas da Asia. Ha diversas plantas productoras de borracha, e quasi todas nativas no norte e no interior do Brasil. Hajam vista: a Seringueira, scientificamente chamada *Hevea Brasiliensis*, considerada como a principal especie, e que vegeta no Amazonas, ás margens dos rios Purús, Madeira e Javary, extendendo-se para o sul, até as cabeceiras do

Paraguay, em Matto Grosso. Attentem ao mappa! A Mangabeira, que cresce em terras aridas e seccas, sendo especialidade dos Estados de Maranhão, Piauhy, Ceará e Pernambuco. Além do *latex*, ou por

EXTRACÇÃO DA GOMMA-ELASTICA: COLHENDO O LEITE (CALHA)

outra, do succo leitoso, produz fructas—as mangabas, que servem á industria de doces.

A Maniçoba, planta do sertão, arvore bella e possante, sendo o seu *habitat*, o seu logar de producção, o Ceará; o *Caucho*, de exploração recente no Brasil. Os caucheiros inutilizam a arvore, como vocês podem ver pela figura ao lado.

Os principaes centros do commercio da borracha são: Manaus e Belém. Os grandes importadores de borracha são os Estados Unidos, a Allemanha, a Inglaterra.

Da borracha se fabricam seringas, bolas, tecidos impermeaveis, vasilhas, tubos, balões, correias, elastico, sapatos, pneumaticos, tapetes, etc. etc.

Vejamos, então, Paulo, quaes são as arvores que dão borracha? Onde cresce a Seringueira, Newton? Qual é o seu nome scientifico, Octavio? Escreva-o no quadro. A Mangabeira só dá borracha, Maurilio? Como se chama a arvore que dá borracha especialmente nas terras do Ceará, Cyro? Muito bem!

Passemos á industria das *madeiras*.

Apesar de ser o Brasil um dos paizes mais ricos em madeiras, a sua exploração não é importante dadas as difficuldades de transporte. Em consequencia da variedade de climas, o Brasil póde ser dividido em tres zonas florestaes. Vou traçal-as aqui no mappa-mudo. (Vae á téla preta, onde se vê o esboço do Brasil e, respectivamente, com giz verde, vermelho e roxo, separa o limite de cada uma.)

A 1.ª é a *zona central*, encerrando os Estados da Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas e parte de S. Paulo. Ahi se destacam o jacarandá, a peroba, o vinhatico e o cedro, empregados na marcenaria; 2.ª) a *zona do sul*: Rio Grande, Paraná, Santa Catharina, Matto Grosso e parte de S. Paulo, possuindo, entre outras especies, o cedro-rosa, empregado em obras delicadas; a imbuia, propria para mobilia de luxo; o pinho do Paraná, largamente explorado; 3.ª) a *zona do norte*, a Amazonia e Estados do norte, até Pernambuco; é a mais rica e a menos explorada.

Ha typos importantes, como a massaranduba e o acajú. Em Santa Catharina e no Paraná ha cerca de 300 serrarias.

São os Estados que desenvolvem mais a industria de madeiras.

Apesar de representar o Brasil uma importante reserva para o abastecimento de madeiras, não se encontram aqui condições de facilidade, como nas mat-

ARVORE DO CAUCHO (DERRUBADA PARA EXTRACÇÃO DO «LATEX»)

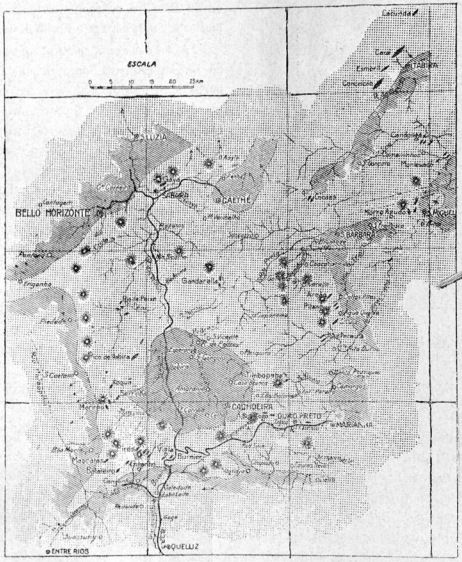
tas dos Estados Unidos, do Canadá e do norte da Europa.

Resumindo: Diga, Luiz, os nomes das 3 zonas florestaes do Brasil. Mostre no mappa, Benicio, os

A *herva matte* é propria dos Estados meridionaes do Brasil, principalmente do Paraná.

Os mercados que importam mais são: a Argentina, o Uruguay e o Chile.

MAPPA INDICANDO UMA PARTE DAS MINAS DE FERRO
DO ESTADO DE MINAS GERAES
POR
GONZAGA DE CAMPOS

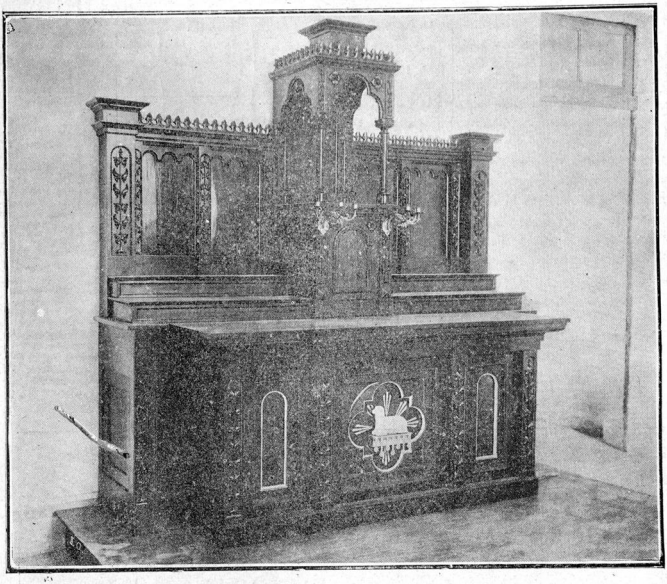


Eis aqui os que formam a zona central. Quaes são as madeiras ahi existentes?

Newton, onde se encontram o jacarandá, a peroba, o vinhatico, o cedro? Qual é a zona menos explorada, Vieira? Quaes os Estados?

As castanhas... tão apreciadas em noites de Natal! O castanheiro é uma arvore corpulenta e alta. A nossa castanha vae quasi toda do Pará para os Estados Unidos e para a Grã Bretanha.

Passemos á industria *pastoril*. Está bem des-



ESCOLA MATERNAL — O ALTAR DA CAPELLA.

envolvida, sobretudo no Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Bahia, Matto Grosso, Goyaz, São Paulo e Piauhy.

Cria-se, no Brasil, o gado bovino, o suino, o o ovino, o equino, o caprino, o asinino... Os productos da industria pastoril dão origem a outras, como a de lacticinios: leite, manteiga, queijo, requeijão, a do xarque, carne secca; a do cortume. Minas, Rio de Janeiro e os Estados do Sul primam na industria de lacticinios. O xarque vem em grande parte do Rio Grande do Sul. A nossa exportação de carnes frigorificadas foi consideravel em 1917, por occasião da guerra européa.

As industrias fabril e manufactureira têm-se adeantado consideravelmente, havendo a fiação, a tecelagem, a fabricação de chapéos, de calçados, a preparação do fumo, a fabricação de assucar, cerveja, sabão, velas, phosphoros, ladrilho, ceramica, biscoutos, queijos, vidros, papel, conservas, artigos de folha, de borracha, de chumbo, etc. etc. São grandes centros industriaes; o Districto Federal, S. Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco, Rio G. do Sul.

De todas as industrias fabris, a mais desenvolvida é a textil: a fiação de tecidos de algodão, de juta, de linho, de seda é consideravel.

Já temos para mais de 300 estabelecimentos de fiação, todos modernos.

Enumere, Sylvio, os productos da industria fabril e manufactureira do Brasil. Quaes os Estados que se salientam nesse ramo, Luiz?

A industria da mineração... Teve o periodo aureo nos tempos coloniaes, dando causa á guerra dos Emboabas, á famosa sedição de Villa Rica, á Inconfidencia Mineira.

Hoje explora-se o ouro por companhias inglezas, em Minas—Morro Velho e Passagem. São explorados ainda o diamante e o manganez em Minas e na Bahia. As jazidas de ferro estão quasi intactas, por falta de transportes.

A industria da pesca não está tão desenvolvida como se devia esperar, dado o immenso littoral do Brasil.

Tomem, agora, os schemas.

(Escreve no quadro)

Industrias do Brasil
- Extractiva
- Pastoril
- Fabril e manufactureira
- Pesca

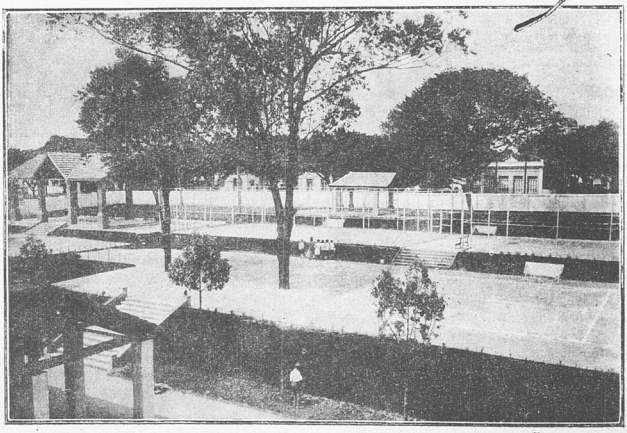
Industria extractiva ...
- Borracha
  - Amazonia
  - Matto Grosso
  - Maranhão, Piauhy, Ceará, Pernambuco
- Madeiras
  - Zona Central
    - Bahia até São Paulo: jacarandá, peroba, vinhatico, cedro.
  - Zona do Sul
    - De São Paulo para baixo: cedro, pinho e imbuia.
  - Zona do Norte
    - Do Amazonas até Pernambuco: massaranduba e acajú.
- Herva-matte, no Sul.
- Castanhas, no Pará.

Industria pastoril
- Gado bovino, suino, equino, ovino, cavallar (lacticinios, xarque, couro, pelles)

Industria de mineração
- Ouro, diamante e manganez.

Industria manufactureira e fabril.....
- Tecelagem, fabricação de assucar, fabricação de chapéos, calçados, sabão, velas, ladrilhos, biscoutos, vidros, papel, conservas, etc,

A de perca está pouco desenvolvida.



ESCOLA NORMAL MODELO — CAMPO DE DESPORTOS.

Educação physica

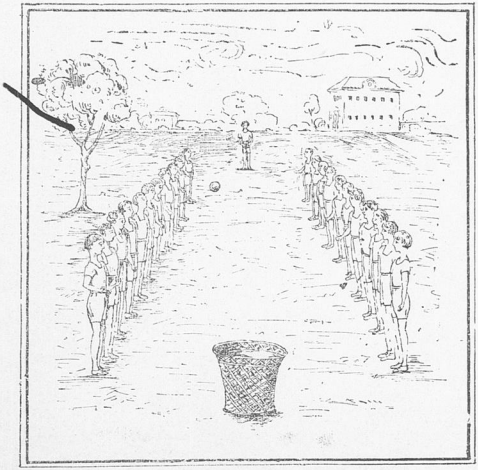
A gymnastica torna o corpo sadio, bello e forte, suggerindo ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade.

Qual é o fim da gymnastica?

—Faire des êtres forts—(G. Hebert).

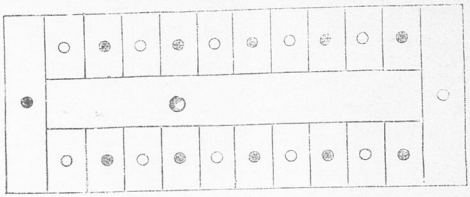
A educação physica em nossas escolas deverá, pois, ser orientada no sentido de melhorar as condições physicas da geração, que se inicia na vida. Terá por fim fazer com que a criança possa despender com vantagem, de futuro, os esforços e energias que outros estudos de ordem mais seria irão requerer da vida adolescente — e a gymnastica torna o corpo sadio, bello e forte; suggere ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade.

Os exercicios ao ar livre são indispensaveis, não somente ao crescimento normal, mas tambem á formação intellectual e moral .. «A actividade é uma lei da natureza».



(Fig. 1.)

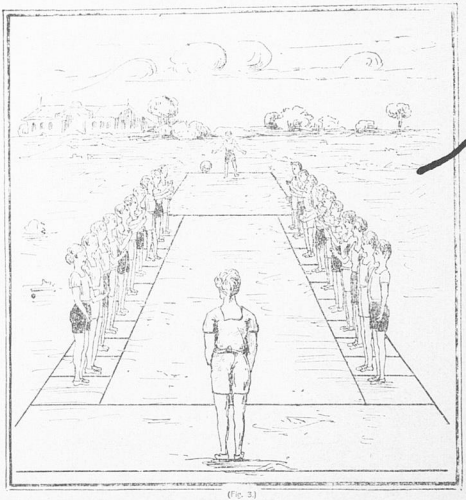
Os jogos gymnasticos são a mais natural forma do exercicio—o melhor meio de pôr a criança



(Fig. 2)

em actividade physica; sua efficiencia é de valor indiscutivel.

— não visam somente habilidade e dextreza: têm grande influencia na educação da vista.



(Fig. 3)

Aos exercicios de gymnastica, uniformes, faltam a emulação, o attractivo, o interesse que os jogos infantis despertam. E a criança entregue a essa disciplina sente-se feliz, demonstrando intelligencia precoce nas suas attitudes.

Os exercicios com bolas—arremessar e receber

O «Zig-zag» e o «Salto da Bola» satisfazem aos fins a que se destinam os jogos infantis.

ZIG-ZAG

As crianças dividem-se em partidos, de duas filas cada um; numeram-se; de um lado ficam os alumnos pares e, do outro, os impares. (Fig. 1)

A' frente de cada partido haverá um cesto.

Dado o signal, o alumno 1 passa a bola ao 2, este ao 3, que por sua vez, deverá passal-a ao 4, etc. O ultimo levará a bola ao cesto, conseguindo, assim, 1 ponto para seu partido.

Os que conseguirem maior numero de pontos serão os vencedores.

SALTO DA BOLA

O palco

Serão traçados, 22 rectangulos obedecendo á orientação do graphico. Fig. 2. Tomarão parte neste jogo 22 crianças, 11 de cada partido, dispostas segundo odesenho. Fig. 3. Os jogadores dos retangulos maiores são os Guardas (Keeper) os quaes, si conseguirem apanhar a bola, marcarão 1 ponto para os respectivos partidos.

Tirada a sorte para a posse da bola, o professor apitará. A bola parte de qualquer dos jogadores dos rectangulos contiguos aos dos Guardas. O jogador que se apoderar della deverá arremessal-a immediatamente com ambas as mãos, para qualquer de seus companheiros; a bola irá de mão em mão, até ás do Guarda. Os adversarios, porem, não deixarão com facilidade que os primeiras agarrem e arremessem a bola livremente; podem saltar e até arrebatal-a, sem, entretanto, usar de violencias, inclusive segural-os. Nisso consiste o jogo.

Os jogadores não poderão sahir de seus respectivos rectangulos. Si penetrarem no alheio, darão direito a seu dono de um arremesso livre.

Si passar as linhas lateraes, a bola pertence, para arremesso livre, ao adversario mais proximo daquelle que a pôz fóra.

Quem pisar na zona neutra, que divide o campo em dois, sahirá do jogo, até que, de qualquer lado, seja marcado 1 ponto.

As partidas devem durar, geralmente, 30 minutos, divididos em dois meios tempos de 12 minutos, com 6 para descanso.

(*Continúa*)

ESCOLA MATERNAL — SALA DE BRINQUEDOS.

O canto nas escolas

Exercicios de respiração, de emissão e de vocalisação

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELLOS

O ensino dos cantos escolares deve ser sempre precedido dos convenientes exercicios de respiração, de emissão e de vocalisação.

A respiração, como sabemos, é a base fundamental do canto. Precisamos aprender a bem respirar quando cantamos, do mesmo modo que quando lemos ou fallamos temos de attender tambem a essa condição.

A respiração para o canto aliás não offerece nenhuma difficuldade; é simples e natural, como a commum, apenas um pouco mais accentuada. Isso, principalmente no canto artistico, em que ella toma o seu maximo de desenvolvimento, entrando em acção mais energica todos os musculos respiratorios.

Para se rdquirir o habito da boa respiração no canto, são, pois, necessarios alguns exercicios preliminares, e esses exercicios, como é de ver, não são uteis simplesmente para a execução do canto, mas beneficiam grandemente tambem a saude e o desenvolvimento physico, porque concorrem para a dilatação da caixa thoracica e portanto, para o desenvolvimento dos pulmões.

Consistem em aspirar até á base dos pulmões e em saber gastar ou utilizar o ar ahi armazenado.

Si aspirarmos somente na parte superior dos pulmões, faremos uma provisão de ar insufficiente. Si aspirarmos por partes ou por camadas, teremos igualmente uma armazenagem incompleta ou defeituosa.

E' preciso que a aspiração seja profunda, mas não forçada nem brusca e antes doce e suave.

Os alumnos ficam de pé, na posição inicial da gymnastica, e, a um signal da professora, erguem-se lentamente nas pontas dos pés e elevam os braços até a posição horizontal, inspirando, durante esse acto, a maior quantidade de ar possivel.

Essa inspiração é feita pelo nariz, com a bocca fechada.

Em seguida, descem os braços, tambem lentamente, expirando ao mesmo tempo, agora com a bocca naturalmente aberta, o ar absorvido.

Assim, successivamente, com intervallos mais ou menos de cinco segundos.

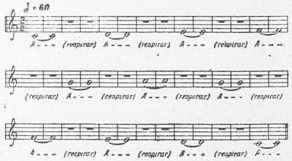
Esses exercicios serão feitos por classes separadas e do 1.° ao 4.° anno.

Quanto aos exercicios de vocalisação, devem elles ser feitos combinados com os de respiração.

Assim, depois de levantarem os braços e de inspirarem pelo processo indicado no segundo acto (descida dos braços), os alumnos, ao expirarem, entoarão a vogal—A—, começando em *dó* e a seguir, indo a entoação isoladamente até *lá*.

A professora fará isso primeiro, sosinha, para depois os alumnos a imitarem.

Podemos figurar esse exercicio sob a forma seguinte, que dá as durações reaes de sua execução:



Como se vê do graphico, nos momentos dados, isto é, quando terminar o repouso que se segue á expiração ou á entoação da vogal, a professora dirá —*respirar*—para os alumnos começarem a nova inspiração.

Cuidados a observar:

a) O som—A—deve sahir naturalmente, sem esforço apparente ou real, sem ser guttural ou na-

sal, para o que os alumnos conservarão a bocca regularmente aberta, sem cerrar os dentes.

b) Não deve esse som ser prolongado até ao momento em que o ar iria faltar; dois segundos, mais ou menos, são sufficientes para a emissão.

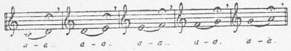
c) Depois de cada emissão, haverá um pequeno repouso antes de seguir-se a nova inspiração.

Em aulas subsequentes, poder-se-á iniciar a entoação de sons successivos com a mesma vogal—A—, isto é, com duas notas, depois com tres e assim por deante, até as cinco primeiras notas.

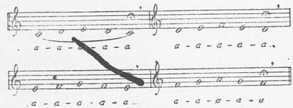
Ficará isso ao criterio da professora, de accordo com a idade ou adeantamento dos alumnos.

Seguem-se exemplos de exercicios: (*)

I

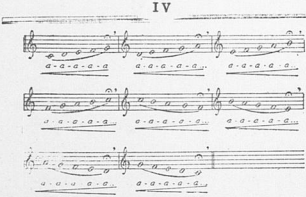


II



III

IV

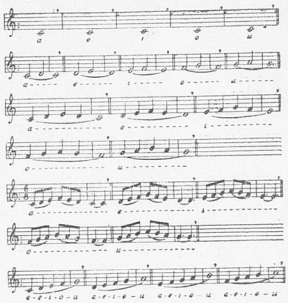


Iguaes exercicios podem ser feitos, depois, com as vogaes *e*, *i*, *o*, *u*.

Durante os exercicios de vocalização a professora deverá cuidar rigorosamente:

(*) As virgulas indicam os momentos de respiração.

V



a) da emissão dos sons, para que essa emissão seja natural, isto é, para que a voz não saia da garganta, mas dos pulmões e não seja nasal, mas limpa e pura.

b) da voz cantada, para que não haja o canto «gritado», inconveniente a que nos temos referido mais de uma vez e que cumpre afastar inteiramente das nossas classes, como desvirtuante dos fins educativos do canto escolar.

Vale ainda uma vez assignalar que, na execução propriamente do canto, ao entoar-se um hymno ou canção, a respiração não precisa ser effectuada tão profundamente como na gymnastica respiratoria; ella deve ser, já o dissemos, simples e natural, como na vida normal, apenas mais pronunciada.

Deve ser tambem instinctiva e conforme a natureza e o habito de cada um.

Assim como aprendemos a respirar instinctivamente para falar ou para ler, tambem nos habituaremos a respirar instinctivamente para cantar. O proprio canto se encarregará de guiar ou educar a respiração. Si o alumno, no acto de cantar, vae pensar na sua respiração, naturalmente cantará mal e respirará mal.

Ha, em todo o caso, pequeninas cousas a attender.

Deve-se, por exemplo, conseguir que os alumnos executem o acto respiratorio silenciosamente e sem movimentos desnecessarios do corpo.

Os movimentos respiratorios devem ser antes regulados pelo texto do que pela musica, tendo-se em conta principalmente a pontuação.

Alem dos repousos indicados pela pontuação, recorrer-se-á tambem ás pausas da musica e a outros logares adequados.

Assim, convem fazer-se a inspiração antes de notas de longa duração, antes do começo de uma serie de notas ligadas e antes de fermatas.

Em geral, a inspiração não deve interromper nem o texto nem a sequencia de uma melodia. Convem, pois, não respirar no decurso de uma palavra, depois de um artigo, da conjunção copulativa e de um adjectivo, quando este vier antes de um substantivo. Havendo mais de um adjectivo successivos podem ser separados por uma inspiração.

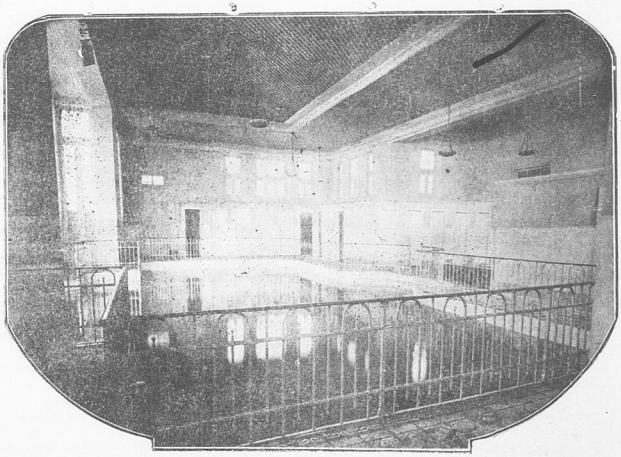
Todavia, em se tratando de notas de longa duração, é bem visto que essas indicações nem sempre poderão ser observadas.

Nas primeiras aulas, a professora poderá indicar os momentos proprios para as inspirações, levantando o braço esquerdo de vez que o direito está sempre occupado com a direcção do côro.

Depois dos exercicios de respiração e de vocalização, que devem ser diarios ou em determinados dias da semana, farão as professoras com seus alumnos o ensaio das canções e hymnos.

Para isso, têm ellas á sua disposição o *Cancioneiro* official e o *Hymnario*, onde encontrarão um repertorio completo e adequado de cantos escolares, desde a cançãosinha simples e facil, ajustada ao registro das mais tenras vózes, até os hymnos de maior trabalho, destinados ao 3.° e 4.° anno.

Julgamo-nos dispensada de fazer a distribuição das musicas, conforme a idade ou classe de alumnos. Com o conhecimento que deve ter a professora primaria dos limites das vózes infantis, e tendo nós já ministrado, com a indispensavel precisão e clareza, nos numeros 17 e 18 desta Revista, as instrucções praticas a respeito, pode cada professora facilmente escolher para execução as musicas que estejam ao alcance de sua classe, não só quanto á tessitura, como em relação ao assumpto e á linguagem.



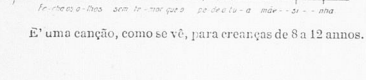
ESCOLA MATERNAL — O TANQUE DE NATAÇÃO.

Quando acaso tiver preferencia por uma outra, de maior extensão, não lhe será tambem difficil fazer a transposição para o tom conveniente.

Vae aqui um exemplo.

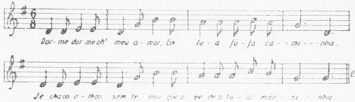
Canção maternal

(Pagina 134 do *Cancioneiro*, 1º vol.)



E' uma canção, como se vê, para creanças de 8 a 12 annos.

Querendo adaptal-a para o Jardim da Infancia, seráa professora a transposição do seguinte modo:



Tudo dependerá do gosto e do criterio de cada professora e sobretudo de sua boa vontade em incutir nas creanças das nossas escolas o amor pela musica e em fazer de sua classe um centro de constante e sã alegria, consoante os fins da ultima reforma do ensino, que tanto elevou e incrementou, como elemento indispensavel de educação, de disciplina de recreiação, os cantos escolares entre nós.

Discurso de paranympho

Pronunciado pelo deputado dr. Odilon Braga, paranympho da turma de normalistas de 1925, da Escola Normal Sagrado Coração de Maria.

A MAIS FORMOSA HOMENAGEM

Minhas jovens compatricias:

Cuidando eu da maneira pela qual deveria retribuir o gracioso e captivante gesto de immerecido apreço com que me elegestes vosso paranympho, entendi que melhor o faria si desse á minha palavra, nesta solemnidade, o impulso e o rythmo dos pensamentos uteis e severos.

Par ceu-me que homenagem alguma de mais formosa expressão eu vos poderia render do que a de tudo fiar de vossa cultura de mulher moderna, de mulher sempre adereçada de prendas antigas, mas já agora conscia de seus privilegios e de suas responsabilidades intellectuaes e ardente do zelo generoso de influir directa e praticamente na marcha dos aperfeiçoamentos collectivos e da peleja em prol da patria.

Meditando comvosco alguns themas de superior interesse, que, todavia, sómente possuem encantos para intelligencias avigoradas de sciencia, eu só o faço, notae bem, porque vos julo aptas para vos deliciardes com *ces nourritures solides*... sem as quaes o espirito feminino *aura toujours les pâles couleurs*, segundo mme. de Sevigné.

Porque o nfio no valor dos ensinamentos que recebestes neste conceituado seminario de cultura feminina; porque me acho convicto do apuro a que attingiu o vosso gosto, em contacto com livros e mestres escolhido; porque vos tenho na conta de amadurecidas para o gozo das «alegrias serias da intelligencia» — ao encantamento lantejoulante das phrases de artificio preferi a singeleza natural das idéas vigorosas e transpirantes de sinceridade.

A MULHER; HONTEM E HOJE

Não faz muito, minhas jovens amigas, e os homens timbravam em relegar a mulher para o plano secundario das pequenas tarefas domesticas, para os mimos de uma tafularia redoirada e alacre, para a faiscação vivaz dos salões mundanos, para a esgrima mordente das ironias subtis, summariamente negando-

lhe, com a alforria intellectual, o direito de cooperar no desdobramento dos destinos communs.

Hoje, não: a mulher reclama com galhardia e illustre, em face de nossa espectativa sympathica, o seu lugar na composição das cousas humanas; aos poucos vai deixando de ser uma força instincta, que o homem afeiçôa segundo as idéas de cada epoca, para tornar-se a projecção lucida de virtuosas energias.

Seu pensamento, emergindo de uma consciencia mais rica de doçura, de piedade, de misericordia, de resistencias moraes, do que a nossa, como que vem temperando e suavizando as hirtas intransigencias com que, sem proveito, semeamos de asperezas as fragoas que difficultam a nossa caminhada geral para o futuro.

Em alguns paizes, a acção social feminina tem adquirido uma amplitude e uma intensidade taes que por toda a parte se expande o perfume e se deposita o oleo balsamico de sua influencia.

Até aqui, vinha a mulher esbanjando seu precioso poderio, quasi desconhecida de si mesma, alheiada de sua divina faculdade de modelar caracteres... Uma ou outra, por instincto, realizava o prodigio de conformar um grande homem ou de inspirar uma grande obra, assim desviando, não raro, o mesmo curso da civilização, emquanto as demais seguiam indifferentes e passivas na obscuridade do rebanho anonymo.

Daqui por diante, não: ella ha de collaborar comnosco na formação das novas tendencias mentaes de que resultarão dias mais felizes para todos nós.

Queremos que ella nos ajude a erguer a alça do nosso proprio merecimento, exigindo de nós esforços orientados por outras ambições, mais nobres do que as que presentemente nos estimulam.

Em summa: sem suffragismos, sem excessos feministas, a mulher tem nas mãos um immenso poder que, manejado com sabedoria, operará maravilhas.

Eis porque não vacillo em appellar para vós, minhas jovens compatricias. O Brasil precisa de vós, de todas as suas filhas capazes de perseguir, com firmeza e com intelligencia, o ideal de sua transformação psychica. Dirigindo-me a vós neste grato momento de minha vida, sempre estarei falando a todas as jovens de minha terra e de meu tempo.

Pois bem; não vos deixeis illudir: o problema angustiante por excellencia em cuja solução sois chamadas a intervir não é simplesmente o do combate ao analphabetismo, tal qual singelamente se proclama; é outro, muito mais complexo, muito mais difficil: o da educação.

Ha, é innegavel, uma lei de consonancia que junge umas ás outras as causas determinantes do progresso de um paiz, nesta quadra de elevada civilisação, quando os estudos scientificos descobrem de instante a instante novos elos de reciproca dependencia na cadeia do conhecimento e da acção do homem; e por isto me separo daquelles que, simplesmente generalizando o raio de seu angulo visual, suppõem abarcar todo o vasto campo dos phenomenos economicos e sociaes da vida de um povo para os explicar por uma causa unica.

Hoje em dia, a complicada equação de que se ha de extrair a formula complexa da grandeza de um povo contém mil problemas incidentes, cujas soluções se entrelaçam no desfecho da operação principal.

Dizer-se, então, que a causa unica dos males ditos nacionaes seja o analphabetismo é fazer praça de um diagnostico apressado e falho, bem como affirmar-se que só o ensino technico os poderá curar. No mesmo vicio laboram aquelles que os vinculam á falta de vias de communicação ou ás deficiencias da nossa actividade politica.

O mesmo facto de haver tantas causas *unicas* para os achaques de que enferma o organismo nacional já nos está delatando o laço de interdependencia que a todas reune.

Como, porém, seja o homem o factor immediato e multiplo de todas as actividades nacionaes, torna-se evidente que nelle se encontram os germens de que todas ellas derivam.

Ora, diremos com Angiulli, «a reconstituição do organismo social depende, em ultima analyse, da reconstituição mental de todos os individuos que o compõem. A reconstituição mental dos individuos é obra da educação que, é ao mesmo tempo physica, intellectual, moral, esthetica, religiosa, economica, civica e politica. De sorte que no problema da educação se concentram todos os outros problemas sociaes, cuja solução não póde, por isso, ser instantanea, não póde resultar de meios violentos, mas é confiada á obra gradual e transformadora das futuras gerações».

Dando-nos a faculdade do raciocinio e a memoria, deu-nos a Providencia as azas com que nos alçamos da animalidade para as alturas da mais bella perfeição humana. Essa fagulha de divindade que do sopro de Deus recebeu o homem, no acto de ser creado, é, pois, o plasma luminoso de successivas e redemptoras metamorphoses.

No mysterio de sua radioactividade é que se vem produzindo esse milagre da *memoria organica*, que não sómente regista os actos da defesa physica, como nos irracionaes, mas ainda as conquistas intellectuaes e moraes definitivas.

Ella é que ministra ao homem a convicção libertadora de que está ao seu alcance, e fixando, no

dobrar dos annos e na multiplicidade de suas vidas consecutivas, as balisas illuminadas dos rumos que escolher,—*crear-se*, creando, por acto volitivo deliberado, seus novos instinctos. Por que modo? Pel-educação, porque educar é passar o consciente a suba consciente, conforme a lampejante synthese de Le Bon; é dar á actividade voluntaria o impeto e a perfeição da actividade espontanea; é, finalmente, no conceito de Haris, trocar o que é pelo que póde ser, aspirando a realização de um ideal.

E des'arte, chegamos de nossa vez, a uma formula *unica*, que é todavia uma synthese tão complexa como o *fiat* do qual nasceu o Universo: transformar por meio de educação e impellidos pelo ideal de construir uma patria de que a America se ufane o que hoje somos no que podemos e devemos ser!

O EQUIVOCO EM VOGA.

Vede agora, minhas jovens compatricias, a ingenuidade do equivoco dos que, entre nós, tudo esperam da instrucção.

Instruir, convem repisar, é sortir de conhecimentos a intelligencia, mas nem sempre é enriquecel-a com habitos novos e fecundos e não é jamais acrysolar o sentimento e fortalecer e impulsionar a vontade.

A instrucção entende-se com a intelligencia, mas não é a intelligencia que governa e move o homem: é o sentimento, motor occulto da vontade.

E eis ahi: o sentimento e a vontade não se instruem—educam-se.

Bem accentuou Spencer, que a mechanica social não se funda nas opiniões dos individuos, mas em sua tempera sentimental, em seu caracter.

A instrucção é muito, mas não é tudo. O analphabetismo não é, nem pode ser, o responsavel unico pelas nossas deficiencias de toda ordem. Pode haver educação e trabalho util onde se ignore o alphabeto.

Nos tempos medievaes, quando a fina flor da nobreza humana, por amor a Deus e por amor ás damas, tecia a ponta de lança e a fio de espada as lendas de esplendorosa bravura, banhadas dos mais altos e peregrinos sentimentos, lendas que ao som dos alaúdes os menestreis sahiam derramando pelos salões dos castellos e pelos pateos das cidades, o alphabeto andava sómente por mãos de clerigos e de plebeus...

Ainda hoje, nos recantos afastados do litoral, onde se refugiam os costumes tradicionaes da nossa gente de bôa cêpa antiga, deparam-se familias inteiras de analphabetos, formosamente educadas, no seio das quaes se officia, de continuo, culto votivo ás nossas virtudes typicas e profundas: o temor de Deus e o respeito á auctoridade paterna; a veneração pelos cabellos brancos; a galante cerimonia no trato com as damas e o encantador recato destas junto de cavalheiros; os requintes da hospitalidade; o garbo no cumprimento da palavra empenhada; o amor ao trabalho e o destemor dos riscos impostos pela dignidade; emfim, esse conjuncto, harmonioso e trescalante de perfumes antigos, de sentimentos e virtudes que adornavam os nossos ancestraes de rija tempera, rebatida pelas durezas e pelos isolamentos da era colonial.

Depositarias ciosas das heranças mentaes recebidas, taes familias ainda figuram hoje—porque não dizer? entre as peças de maior resistencia do nosso edificio moral. Sobeja-lhes em educação o que lhe escasseia em conhecimentos literarios; e, convenhamos, nem por isto perde o paiz; antes talvez perca mais com os ricos de instrucção que aos poucos teem olvidado os canones do nosso velho systema educativo sem os haver substituido por algo que os compense.

Para que a affirmação não escandalize e rua a mingua de auctoridade em quem a emitte, escutae este trecho de Agostinho de Campos que bem justa nos quadra:

«E' certo que a parte pensante do nosso paiz descobriu já que o problema nacional é um problema de educação e do ensino; mas, como o ultimo defeito que o homem reconhece em si proprio é a má educação, desde logo ficou decretado, em artigos de fundo, discursos de comicios e conversas de botica, que o grande mal que afflige a patria e a impede de cumprir os seus amplos destinos é o analphabetismo do povo.

Ora, o mal maior, causa desse e de todos os outros é a pessima educação dos letrados que dirigem e não a bruteza natural e primitiva dos dirigidos. O povo analphabeto é, em todo o Portugal, quem melhor cumpre os seus deveres para comsigo e para com a patria, sendo physicamente forte, pagando os seus pesados impostos, trabalhando de sol a sol, respeitando docilmente a ordem e emigrando, para manter ao longe a supremacia da nossa lingua e da nossa raça».

Reparae, todavia: não estou negando utilidade á instrucção, que tanto fôra loucura ou extravagancia; estou apenas demonstrando que é possivel haver educação onde não haja instrucção e que as classes instruidas não temos bem desempenhado os encargos que nos advêm da cultura que recebemos...

O analphabeto não deve ser chamado a responder por uma ordem de cousas que não creou. Si julgamos que a ausencia de seu concurso, na

direcção dos destinos nacionaes, é que occasiona todos os nossos males, estamos implicitamente confessando o fracasso de nossos methodos, a fallencia de nossa instrucção.

Não ha fugir á força compressiva do argumento. Sublinho o asserto porque nos cumpre assumir corajosa e nobremente, a responsabilidade de nossos actos. Nós, os instruidos, é que fazemos a politica, a industria, o commercio, a lavoura, as finanças publicas, emfim—o *governo*, uns na qualidade de mandantes outros na de mandatarios; portanto, os erros e vicios, conhecidos, que debilitam o organismo nacional originam-se de nós, das omissões da nossa instrucção secundaria e superior e principalmente das falhas da nossa educação, e não da massa analphabeta.

Longe poderia ir a demonstração, mas convem que abreviemos: emquanto as classes instruidas não refundirmos por um esforço educativo demorado, pertinaz e esclarecido nossas proprias virtudes de acção, certo o paiz não terá dias melhores, de mais resplandescente progresso.

O crescimento do numero sem alteração da qualidade terá como effeito normal amplificar os vicios e erros actuaes, que tanto nos acabrunham; não os corrigirá.

O VERDADEIRO PAPEL DA INSTRUCÇÃO POPULAR

Mas é a intelligencia, como vimos, que reage sobre o sentimento e sobre a vontade, modificando-os no decurso do tempo e na successão das gerações. Na formula de Le Bon, ella é que clareia e fecunda o *consciente* a ser passado a *sub-consciente*, na de Harris, ella é que descobre e fixa o melhor que desejamos ser em face do que somos. Em uma palavra: é por virtude della que a *sciencia* tanto se exalta, exaltando comsigo o homem. Logo, ferir o lume da instrucção primaria na intelligencia popular é *preparal-a* para a transformação por que todos anhelamos; é desbravar novos campos de semeadura aos escóes, aos missionarios dessa transformação: aos publicistas, aos poetas, aos romancistas, aos politicos de ideal, em summa, a quantos mettam empenho em fazer obra de educação, é, por derradeiro, favorecer a acquisição de valiosas melhorias nos methodos communs do trabalho, considerado em geral.

Numa democracia, porém, torna-se mais imperativo do que sob qualquer outro regimen politico, o dever governamental de instruir o povo, porque desmente seu proprio nome e adquire as proporções de formidavel e pungente burla, uma democracia na qual o povo, por analphabeto, não participe no governo, visto que tal participação sómente é possivel pelo voto.

Honra seja feita: os nossos estadistas já de muito se capacitaram de tão solemne e singela verdade, merecendo referencias especiaes os eminentes drs. Arthur Bernardes e Affonso Penna Junior, que, definitivamente dirimindo a velha pendencia da intervenção federal na orbita da instrucção primaria tornaram patente a sinceridade com que forcejam pela integração do paiz na pureza do regimen.

Em Minas, todos os governos da era republicana, dentro da medida de suas possibilidades financeiras, têm perseverado no afan de alargar os dominios da instrucção publica, sendo porém, de inteira justiça, elogiar, por todos os modos, a bella obra de ensino que o preclaro presidente Mello Vianna e seu incançavel e brilhante secretario dr. Sandoval de Azevedo vinham executando.

Ha, então, uma dupla empresa a realizar: a de nos reeducarmos, diffundindo, sempre com mais ardor, a instrucção publica primaria.

A MULHER BRASILEIRA E A CAMPANHA EM PROL DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Attentae, nesta altura, minhas jovens compatricias, para os horizontes que se dilatam e se desimpedem, cheios de desafios e de seducções deante de vós.

Alguns milhares de jovens devotadas já dedicam, nos dias presentes, o melhor de suas forças á causa do ensino publico primario.

Desta casa, que vos aprestou para as bôas lidas, annualmente partem novos grupos de valorosos combatentes.

Em algumas de vós, senão em todas, talvez já esteja pulsando o nobre desejo de pelejar tambem.

A estas eu direi: lembrae-vos de continuo que é muito do Brasil vindouro o que vos ha de passar pelas mãos. E porque milhares de brasileiros não sigam para além de vossa escola, torna-se de summa importancia o vosso papel como mestras; porque muitos se considerarão satisfeitos com o pão espiritual que haveis de amassar e repartir, seja este bem alvo, saboroso e nutritivo.

Vós que vos destinaes ao magisterio deveis acompanhar com vivo interesse a marcha dos estudos pedagogicos e fazer-vos enfeitiçadas pela paixão de desvendar essas intelligencias alvorescentes que tanto se expandem na garrulice e na inquietação da infancia.

A paixão no trabalho que ides emprehender é de capital efficacia e de enorme riqueza fecundantes A paixão exalta-nos, dobra-nos as energias e faz-nos suaves as mesmas amarguras que provamos.

Si a não tiverdes espontanea, pelo que ha de absorvente no acto de polir e facetar intelligencias, provocae-a, imaginando-vos em uma officina de sublime lapidação e que vos foram dadas a lavrar dezenas de pedras toscas, das mais puras aguas, e que podereis surprehender, um por um, os raios solares que ides arrancando dellas, a ponto de as fazer radiosas.

Sonhae que estaes, desse feitio, compondo, para vós proprias, as mais ricas e fascinantes gemmas.

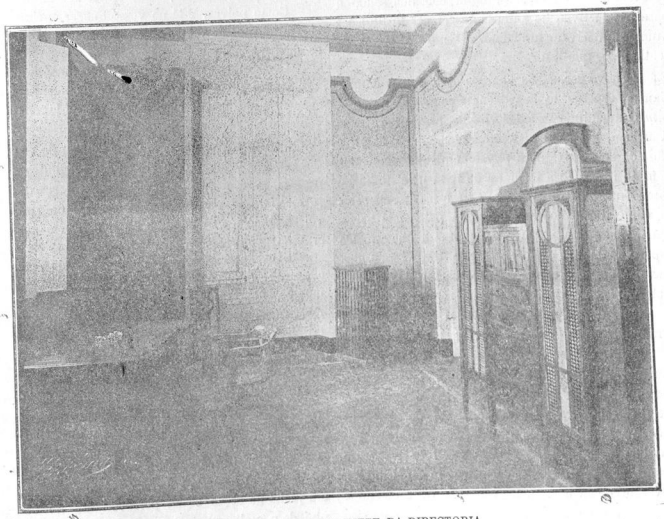
E, em verdade: que outras mais seductoras e custosas mulher alguma poderá ostentar?! Só uma outra lhe acho comparavel; a d'aquella que se enfeita com um collar de filhos que gera, nutre e educa.

E' que, professoras, sois mais espirituaes e haveis de gosar ternas sensações quando seja sugado, com avidez, o leite luminoso de vossas intelligencias.

Si ainda assim não vos bate o pulso da emoção, fixae no pensamento a lembrança da Patria, pois que ella palpita na pequena cellula intelletual que vos é dada a aperfeiçoar.

A FORJA DO CARACTER

Mas, minhas jovens compatricias, o magisterio é apenas um dos vossos campos de acção.



ESCOLA MATERNAL — GABINETE DA DIRECTORIA

Ouvi agora a sabedoria humana a vos falar do fundo dos seculos:—«Um pae é mais venerave do que cem mestres e uma só mãe é mais venerave do que mil paes»—lê-se na biblia dos brahamanes. E eis-nos cruzando os humbraes do lar, imperio incontestavel da mulher, onde mãe, esposa, irmã, noiva e amiga, ella poderá praticar notaveis maravilhas.

E' aqui, minhas jovens amigas, a forja do sentimento onde se tempera o caracter.

O poder publico póde instruir e mesmo educar a intelligencia; mas não póde educar o sentimento e a vontade, fundindo o caracter, salvo misturando ao sangue e ao leite materno e aos affectos familiares, os novos principios de conducta que deseje estampar no caracter das novas gerações, ainda e sempre fazendo a idéa actuar pelo sentimento.

Phenomeno anterior ao apparecimento da vida social e do Estado, a familia continúa sendo a base irreductivel, de ambos. As actuaes instituições humanas derivam fundamentalmente da trama de sentimentos que a formam.

O novo ser, cujos vagidos alviçareiros annunciam a perpetuação da vida, traz comsigo o *substratum* dos sentimentos e das virtudes ancestraes. Nelle resurgem, em particulas integradas, tempo em fóra, não sómente os signaes physionomicos e sim tambem as inclinações mentaes de toda uma linha de ascendentes desapparecidos. Elle é o echo silencioso, como o que nos vem de longe pela onda herteziana, que o passado nos transmitte; e que magico apparelho ha ahi capaz de fazel-o timbrado e distincto, como voz cantante e solitaria?—O coração materno!

Que divina missão a todo o instante estaes cumprindo, mães que me ouvis!

Fragil e inerme, reclinado no vosso regaço glorioso, elle vos fita longamente, inexpressivamente, e é o vosso semblante espelhado nesse olhar que lhe transfiltra a primeira noção de côr. Mais tarde, a mãozinha macia e gorda, que se agita na gymnastica instinctiva do movimento, toca em vosso rosto e, com a primeira caricia que vos concede, de vós arrebata a primeira sensação do contorno e da forma. Rompe a seguir, com o primeiro sorriso a primeira luz da intelligencia... E assim no vosso collo, se vae tecendo o finissimo urdume de uma rêde mental mysteriosa, de que ha de depender toda a futura actividade do ser que gerastes; o qual, por seu turno, é o factor maximo de todas as actividades sociaes.

No seio da familia influis tambem como esposa, pensando os golpes moraes que todos levamos, de quando em quando para a casa; aligeirando as preoccupações que nos acabrunham, com palavras sabias e encorajadoras; rectificando os nossos juizos extremados; guiando-nos com os olhos sobrenaturaes dos vossos presentimentos; incitando-nos a proseguir nos propositos firmados, emfim: concorrendo para a nossa educação de todas as horas.

Como irmãs, a vossa diligencia muito auxilia o trabalho educativo de vossas mães; podeis ser os anjos tutelares de vossos irmãos, na edade das confidencias e das primeiras manifestações voluntariosas da personalidade.

Como noivas, está no vosso querer aprimorar os sentimentos de vossos eleitos, prevenindo assim os dias futuros.

Companheira de folguedos nos torneios mundanos, tendes ainda ao vosso alcance actuar beneficamente sobre vossos amigos e sobre os jovens de vossas relações, elevando o nivel das palestras, reprimindo mansamente, com o jogo habil de censuras que não doam, com o elogio dos attributos que prezaes, esses pequenos abusos que, a força de repetidos, sulcam para sempre o caracter de um povo; negando o privilegio do vosso convivio aos escravos dos vicios graves!

Sois, antes do mais, poderosos elementos de educacão. Nós, os homens, reflectimos em pensamentos, palavras e actos, as vossas preferencias mais constantes. Somos, em certa maneira, o que estimaes que sejamos.

Radiação enexhaurivel de possantes estimulos, effectuaes, por ora inconscientemente, a modelagem de nossos caracteres.

Não exagerarei dizendo, minhas jovens patricias, que podeis refundir, si tanto o quizerdes, as bases psychicas da Patria! Basta que associeis ás vossas virtudes de sempre a virtude soberana, segundo Socrates—a da Sabedoria—e que assentando um plano de acção sejaes perseverantes no empenho de o realizardes. O tempo vos dará a grinalda do triumpho!

CREANÇAS QUE TOMARAM PARTE NA FESTA ESCOLAR ORGANISADA PELO PROFESSOR VICTORINO FONSECA, EM SÃO LOURENÇO, NO DIA 19 DE NOVEMBRO.

O GRANDE E BELLO MONUMENTO A ERIGIR

Eis porque insto pelo vosso concurso, minhas jovens compatricias. Nesta hora e sempre a peleja surda, invisivel, continúa: «viver é lutar» disse o nosso grande poeta.

Ora, a sorte do Brasil está se decidindo a todo momento, com alternativas de successos e revéses, por toda a parte onde se trabalha e vive, visto que a actividade economica e social do paiz é a somma das actividades isoladas dos individuos. Podeis, si o quizerdes, actuando sobre estes, do berço á maioridade, — mães, irmãs, filhas, esposas, noivas, mestras e amigas—concorrer decisivamente para que a batalha geral se desate em favor de nossa Patria!

Como fazel-o? — vejo que interrogais com os olhos...

Responderei: Creando, a força de ficção, inspirados pelo nosso meio cosmico social e pela belleza dos vultos maiores de nossa historia, os typos de verdadeira belleza physica e moral, e de alta efficacia economica e politica, que nos sirvam de modelos attrahentes e fascinantes; compondo um systema de educação que nos facilite a modelagem, em face delles, dos nossos novos caracteres; apaixonando-vos pela soberba missão de os passar do sonho á realidade, por merito do prestigioso encanto que irradiaes.

Si estimardes em nós os attributos super-humanos dos typos ideaes, assim creados, quando ainda no vosso regaço divino dar-nos-eis os germens da transfiguração a operar-se; e mais tarde — irmãs, noivas, mestras, semeadoras de graças e sorrisos, estareis, sempre, mesmo despercebidas, esculpindo no vivo os modelos ambicionados.

Mas, antes de tudo, guardae a vossa officina tradicional.

A defesa do lar brasileiro, tal qual o herdamos dos nossos maiores, em frente ás tendencias dissolventes que o ameaçam, será um feito tão heroico como a dos reductos, accossados de ondas assaltantes, onde tremula a bandeira querida!

Idealizar os typos pelos quaes moldemos os brasileiros do futuro — homens e mulheres que contenham o maximo de nossas virtudes ancestraes com o minimo contraste dos nossos defeitos profundos; —que não deslustrem a descendencia daquelles homens que recuaram, em epicas arremettidas contra a matta virgem e os sertões, ermos e traiçoeiros, para as raizes dos Andes, as nossas fronteiras e daquellas mulheres que recusaram estender braços carinhosos a homens batidos, — homens e mulheres capazes de levar a cabo as empresas que sonhamos, das quaes surgirá um Brasil de que a America se ufane; refundir, com sabedoria, o nosso velho systema de educação, mas sempre conservando a solida estructura primitiva; finalmente, chegar por meio deste a tão altos modelos, iniciando desde já, nos lares, nas escolas, nas officinas, nos salões festivos, nos campos, a grande e bella obra de reconstrucção mental da Patria, eis minhas jovens amigas, o estupendo monumento que nos cumpre erigir, na execução do qual tereis a maior somma de trabalho e de responsabilidade!

Que Deus abençôe tão nobres e exaltadas ambições e nos ajude a attingil-as!

O desenho no quarto anno

O desenho no curso primario é um poderoso elemento para desenvolver a observação, a intelligencia e o bom gosto.

EMILIA TRURAN

Desenvolver o espirito de observação, de iniciativa e de bom gosto.

O desenho no curso primario deve ser considerado como um elemento precioso de educação; as creanças devem adquirir conhecimentos succeptiveis de desenvovlimento e applicação na vida pratica.

Neste anno o ensino deve ser feito com mais cuidado principalmente a parte de observação visual.

As fórmas a serem estudadas são as mesmas, devendo-se fazer neste anno exercicios de ampliação, dobrando, triplicando, etc. as medidas.

Os objectos apresentados ás creanças para sua reproducção devem ter as maiores dimensões possiveis, favorecendo assim aos alumnos estarem collocados em um bom ponto de vista, isto é, a duas e meia ou tres vezes a maior dimensão do modelo.

DESENHO DO NATURAL

A professora apresenta á classe para ser desenhada uma caixa cylindrica, tendo o horizonte acima

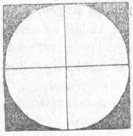


Fig.ª 1

do modelo, afim de que os alumnos observem a curva da bocca.

Para que as creanças notem e observem as deformações dos diametros, devem-se fazer exercicios com um quadrado preto, no qual é inscripto um circulo branco, tendo os diametros perpendiculares traçados.

(Fig. 1).

Depois deverão iniciar o trabalho, fazendo margem de 2 ou 2 1|2 cm., datar, assignar, e traçar duas rectas perpendiculares no centro do papel. (Fig. 2).

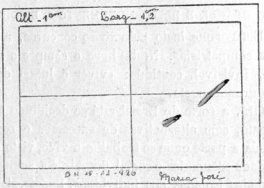


Fig. 2

Feito isso, tomarão as medidas de comprimento e largura que deverão ser collocadas em uma das margens do papel.

Toma-se em seguida sobre as perpendiculares as medidas ampliadas, devendo-se chamar a attenção da creança para que a maior medida fique collocada sobre a maior dimensão do papel (Fig. 3); constróe-se então um rectangulo.

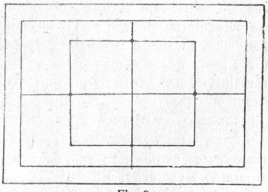


Fig 3

ESCOLA MATERNAL — SALA DE ESPERA.

O diametro deformado deverá tambem ser medido e empliado para construir o rectangulo circumscripto á elypse da bocca. (Fig. 4).

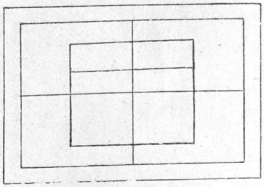


Fig. 4

Para facilitar o traçado da elypse traçam-se rectas perpendiculares ao meio dos lados do rectangulo, sendo que uma já se acha traçada. (Fig. 5).

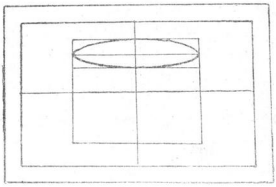


Fig. 5

Não temos elementos para as creanças observarem a curva da base, devemos apenas fazel-as levantar uma regua ou mesmo o lapis até tangenciar a curva.

Feito isso, o alumno poderá terminar o desenho com alguma perfeição. (Fig. 6).

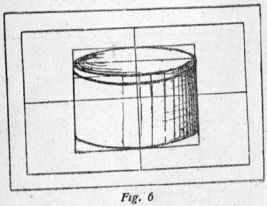


Fig. 6

A professora só deve dar explicações de sombra quando os alumnos estiverem fazendo as marcações com relativa perfeição. Mostrará como a luz se distribue num corpo cylindrico e num polyedrico.

COMPOSIÇÃO DECORATIVA

A composição deve ser feita do mesmo modo que no anno anterior, devendo entrar tambem elementos de nossa fauna. (Figs. 7, 8 e 9).

Fig. 7

DESENHO DE MEMORIA E IMAGINAÇÃO

Os exercicios de memoria e imaginação são indispensaveis para o desenvolvimento da intelligencia, da observação e da iniciativa da creança.

Fig. 8

Neste anno devem ser aproveitadas para illustrar as provas de L. Patria, Historia Natural e do Brasil, Geographia, etc.

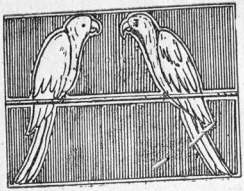


Fig. 9

GRUPO ESCOLAR DE S. MATHEUS, EM JUIZ DE FÓRA. — TURMA DE 1926.

Pedagogia da obediencia

A educação não deve preparar a criança para obedecer durante toda a vida, mas para reger-se a si mesma, para dirigir-se autonoma e racionalmente.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

No seu individualismo absurdo, exigia Nietzsche não apenas a liberdade, mas tambem o direito de tudo fazer, affirmando mesmo que tudo é permittido e nada é verdadeiro: *Nichts ist wahr, alles ist erlanbt.*

Ora, essa tendencia moderna parece em contradição radical com as idéas tradicionaes em materia de educação. *Os filhos devem obedecer aos paes em tudo*, dizia S. Paulo.

Goth considerava, no livro de Wolf, como unicas palavras racionaes, estas: *Apprende a obedecer.*

Na escola, escreve muitas vezes, como exercicio, esta phrase: *Bem manda, aquelle que bem soube obedecer.*

A tendencia moderna é toda pela liberdade, contra a auctoridade.

Como pensa em tudo isto ?

Sob o titulo acima lemos na excellente revista pedagogica *Pharus*, um artigo do Fr. Eggersdorfer, cujas idéas geraes vamos resumir.

—

Em theoria, é facil discutir sobre a auctoridade e a obediencia em educação. E' facil formular systemas, estigmatizar processos, exaggerar, sophismar. Todo aquelle, porem, que tem a seu cargo a educação de uma criança, de uma só que seja, sabe perfeitamente que as cousas se passam de modo muito diverso na pratica, e que é impossivel, sem a auctoridade e a obediencia, qualquer methodo educativo.

Mas, as crianças não têm todas a mesma indole, a mesma capacidade e as mesmas tendencias. Além disso, a educação não deve preparar a criança para obedecer durante toda a sua vida, mas para reger-se a si mesma, para dirigir-se autonoma e racionalmente. Assim, pois, de um lado, não pode a extensão de auctoridade, como a da obediencia, ser a mesma em todos os casos; e de outro, não deve a autoridade annullar a liberdade e a iniciativa. Nessa dosagem, nesse modo de comprehender e exercer a auctoridade, reside, segundo Kant, o mais grave problema da educação. Methodo educativo só pela auctoridade, educação só pela liberdade, obediencia passiva, autonomia completa: soluções são estas demasiado simples para um problema tão grave e tão complexo; soluções erroneas a que se apegam a incompetencia e a presumpção. Muito mais difficil de comprehender e praticar é a verdadeira solução, a solução consentanea com a natureza e destino do homem.

A coacção é absolutamente necessaria na educação como em qualquer ensino. Mas, pergunta agora Eggersdorfer, repetindo Kant, como conciliar a coacção com a liberdade, com a autonomia, com a iniciativa ? E' preciso que a criança se acostume a supportar uma restricção á sua liberdade e, ao mesmo tempo, deve ser guiada e orientada na pratica dessa liberdade. Sem isto, tudo é mero mecanismo.

Tudo depende, pois, de comprehender devidamente o que seja a obediencia.

Quando se fala em obediencia, entende-se logo que haja um mandamento positivo ou negativo, ordem ou publicação, que é preciso attender,, uma vez que emana de uma auctoridade.

Ora, a primeira indagação a fazer é sobre a natureza dessa auctoridade, si é legitima, si é justa, si é racional.

A obediencia é a capacidade e a disposição para submetter o proprio modo de agir á acção de uma vontade extranha, sobre a base da legitimidade desta. O acto de desobediencia tem um valor moral muito differente do valor pedagogico, porquanto o reconhecimento de ser ou não legitima a autoridade não pode entendêr-se do mesmo modo nos dous casos.

Ha a obediencia pelo simples medo, dessa obediencia pode conduzir a uma submissão interna, real, a auctoridade; mas, frequentemente costuma a vontade permanecer em revolta, tornando-se a obediencia meramente exterior, situação que é de pessimas consequencias. Essa Pedagogia pelo pavor é, pois, na maioria dos casos, desastrada.

Todos os erros sobre a Pedagogia da obediencia provêm exactamente desse falso presupposto, isto é, de que a Pedagogia da obediencia seja necessariamente a Pedagogia do pavor, com todas as suas consequencias. Condemna-se então aquelle, porque se condemna esta; e de uma tal condemnação, irracional e arbitraria, decorrem essas doutrinas modernas, cuja perniciosa influencia na educação já nos vae largamente demonstrando uma experiencia bastante amarga.

A obediencia pelo simples terror — *timor serviliter servilis*, é moralmente sem valor.

E' tambem destituida de valor pedagogico.

O educador deve acostumar a criança a obedecer racionalmente, isto é, comprehendendo a razão, a justiça ou mesmo apenas a necessidade e a vantagem do que lhe é ordenado. Como, porem, a intelligencia da criança pode não estar ainda nas condições de bem apprehender essa situação, é fóra de duvida que *a coacção tem o seu emprego justificado no meio do trabalho pedagogico.* Tudo está no modo de exercer essa coacção.

Exige se primeiramente que seja devidamente orientado esse *trabalho pedagogico.* Exige-se mais que essa *coacção* seja applicada adequadamente. Exige-se, por fim, que essa coacção se vá restringindo na medida em que se vae conseguindo a *obediencia racional.*

E' facil semelhante modo de proceder ? E' difficillimo, mostrando quanto é ardua a tarefa do educador. A criança pelas suas qualidades, pela sua indole, pelo vigor do seu espirito e do seu corpo, é muito na educação; mas, o mestre, o educador não o é menos. Levar a criança a obedecer sem irrital-a, sem reduzil-a á passividade, sem matar-lhe a iniciativa e a liberdade; a obedecer, emfim, racionalmente: eis o que é difficil, muito difficil, maxime quando se considera que é preciso variar de processo quasi de uma criança a outra.

E' facto sabido que, salvo excepções, a criança não se irrita ou, pelo menos, a irritação não perdura, quando castigada, mesmo severamente, pelos seus paes, não acontecendo a mesma cousa quando o castigo procede de extranhos. E' que a criance comprehende obscuramente que seja, a legitimidade do castigo e a bondade das intenções num caso, e não as admitte no outro. Um corrige quasi sempre, o outro quasi nunca.

A criança deve, pois, ser levada a comprehender, embora obscuramente no começo do trabalho educativo, a comprehender a legitimidade da coacção que lhe é imposta; a obedecer porque julga que o deve fazer; a praticar a sua liberdade e iniciativa nos limites em que se devem limitar.

Com semelhante processo, desapparecerá a autonomia entre a liberdade e a obediencia.

A Psychologia infantil será uma base indispensavel para a applicação dos methodos educativos. E os grandes successos da Pedagogia moderna procedem exactamente desses estudos. Muito bons e muito perfeitos e elevados podem ser os objectivos; muitas vezes, porém, os meios empregados não são efficazes ou resultam mesmo contraproducentes. Dahi, a difficuldade do problema.

Nada ha tão efficaz para fazer com que a criança comprehenda bem as restricções que lhe são impostas, a auctoridade que sobre ella se exerce e a obediencia que se lhe exige, como o ensino da religião. Si a criança não tem noção religiosa, difficilmente poderá admittir que se deva submetter a restricções que a venha incommodar, na satisfacção dos seus caprichos. Nesse caso, ou a Pedagogia do terror ou o relaxamento completo, a liberdade sem peias. A religião é, pois, a primeira mais efficaz e mais simples norma pedagogica.

Congresso de Instrucção Primaria

Theses que serão discutidas no proximo Congresso de Instrucção Primaria

Publicamos abaixo as theses que devem ser estudadas no proximo Congresso de Instrucção Primaria:

ORGANIZAÇÃO GERAL DO ENSINO

Theses

1.°) Quaes os objectivos geraes da escola primaria?

Quaes os seus valores, actividades e ideaes?

2.°) O ensino normal, tal como se acha organizado, prepara professores aptos a ministrar de modo efficiente o ensino primario?

3.°) Que importancia deve ter o ensino technico na escola primaria e qual a sua orientação?

4.°) Si ha falhas e defeitos na actual organização do ensino primario, quaes são e quaes os meios de corrigil-os?

5.°) Qual o melhor meio de selecção para o provimento de cadeiras no ensino primario?

6.°) Convém que o Estado mande ao extrangeiro, de preferencias a paizes americanos, commissões mistas de professores e futuros assistentes technicos para estudarem as organizações das escolas primarias, os methodos de ensino e os processos de fiscalização?

7.°) Não seria conveniente instituir nas escolas primarias o ensino de artes domesticas, taes como, culinaria, confecção e hygiene do vestuario, hygiene pessoal, etc.

8.°) Convirá que o governo, além dos actuaes premios regulamentares, institua aos professores outros meios de estimulo, como sejam a classificação em categorias e a promoção por merecimento?

9.°) Convirá que o Estado estabeleça a compulsoria para os funccionarios do ensino primario? Em que condições?

10.°) Haverá vantagem em que nos grupos escolares se organizem conferencias de vulgarização pedagogica, afim de esclarecer os paes sobre os problemas de psychologia infantil, o papel da escola e a collaboração necessaria entre a familia e o mestre?

11.°) Qual a origem e a significação da indisciplina na escola e quaes os meios de tratal-a?

12.°) Converia restabelecer as ferias de meio do anno lectivo?

13.°) Deve ser simplificado o ensino primario actual, em que grau e como?

14.°) O ensino e a organização escolar não devem variar com o meio e categoria das escolas?

15.°) Qual o melhor meio de tornar mais efficiente a cooperação das camaras municipaes na obra de diffusão do ensino primario?

QUESTÕES DE PEDAGOGIA

Theses

1.°) Deve o Director do grupo escolar reger classe? Em que circumstancias?

2.°) Quaes os numeros minimo e maximo de classe para cada grupo escolar?

3.°) Qual o maximo de alumnos que deve ter cada classe?

4.°) Durante quantas horas deve funccionar cada classe e quanto deve durar cada licção?

5.°) Covém a especialização dos professores do ensino primario? No caso affirmativo, deve fazer-se por materia ou por classe?

6.°) Ha conveniencia em crear nos grupos escolares classes especiaes para os retardados e os debeis organicos?

7.°) Quaes devem ser as edades minima e ma-

xima para a admissão de alumnos nos estabelecimentos de ensino primario?

8.°) Haverá conveniencia em reduzir o ensino oral no curso primario, dando logar a maior actividade e iniciativa por parte dos alumnos?

9.°) Quaes os meios praticos de cultivar a memoria e a imaginação da crença durante o curso primrio?

10.°) Deve-se banir a grmmatica da escola primaria? No caso affirmativo, como se poderá orientar e corrigir a expressão graphica ou articulada dos alumnos?

INSTITUIÇÕES AUXILIARES DA ESCOLA

Theses

1.°) Qual a melhor organização para as caixas escolares?

2.°) Prestam reaes serviços as actuaes instituições:— Conselhos escolares e associações de mães de familia? Como devem ser organizadas?

APPARELHAMENTO ESCOLAR

Theses

1.°) Haverá vantagem no emprego do epidiascopio para o estudo de geographia e historia ?

2.°) Convem o emprego do cinematographo nas escolas ?

3.°) Qual o material necessario para o ensino de arithmetica, especialmente do systema metrico ?

4.°) Os actuaes livros adoptados para o ensino da leitura preenchem os fins desejados ?

5.°) Haveria vantagem na traducção e adaptação de livros extrangeiros para uso dos alumnos na apprendizagem da leitura ?

6.°) Os livros escolares devem apenas relatar scenas e acontecimentos da vida real ou tambem falar á phantasia do alumno por meio do maravilhoso infantil ?

7.°) Para prender a attenção dos alumnos são preferiveis os livros sobre creanças, ou aquelles que versam sobre assumptos em que são principaes personagens os adultos e os animaes ?

8.°) São sufficientemente ricos em vocabularios os livros escolares actualmente adoptados nas escolas do Estado ?

9.°) Que categorias de livros são aconselhaveis na constituição da bibliotheca dos professores ?

DESENHOS E TRABALHOS MANUAES

Theses

1.°) O ensino de desenho, no curso primario, deve ser considerado como arte ou como meio intuitivo da creança exprimir o que imagina e representar o que vê ?

2.°) Deve o ensino do desenho attender á iniciativa individual do alumno ?

3.°) Como deve agir o professor para corrigir os erros de proporção e perspectiva commettidos pelas creanças ?

4.°) O estudo de observação visual deve fazer-se no 3.° e 4.° annos ?

5.°) Quando deve ser iniciado o ensino de sombras ?

6.°) Ao iniciante se deve condemnar a copia de estampas ou gravuras ?

7.°) Será conveniente a creação de um curso de aperfeiçoamento para os professores que tenham de executar os programmas de desenho, trabalhos manuaes e cursos technicos ?

8.°) As noções de trabalhos manuaes devem ser iniciadas no 1.° anno ?

—

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

Theses

1.°) Quaes as qualidades moraes a serem cultivadas nas creanças conforme a sua edade ?

2.°) Qual a maneira mais proficua de inculcar á creança a noção do dever obrigatorio e desinteressado ?

3.°) Quaes os meios mais efficientes de que dispõe a escola para crear e desenvolver na creança o espirito de familia e o de solidariedade social ?

4.°) Como podem as diversas disciplinas professadas na escola contribuir para a educação moral da creança ?

5.°) Quaes devem ser os requisitos pessoaes (caracter, convicções, procedimento, etc.) do professor primario ?

6.°) Qual a graduação mais racional e pedagogica do ensino moral e civico ?

7.°) Quaes as normas civicas que mais convem ensinar ás creanças e como devem ser ensinadas ?

8.ª) Que uso convem fazer das narrativas, das biographias e das maximas no ensino moral e civico?

—

CANTO

Theses

1.ª) Deve o canto-coral ser obrigatorio nas escolas primarias ?

2.ª) Quanto tempo deve ser reservado ao ensino ou exercicio de canto-coral ?

3.ª) Qual o maximo de alumnos que deve comprehender cada classe de canto ?

4.ª) Com a instrucção musical theorica-pratica e didactica recebida no curso normal podem os professores primarios ensinar, na classe, o canto, apenas com o auxilio do diapasão ?

4.ª) De que maneira pode o Estado tornar realidade o canto nas escolas, si cada uma professora não se incumbir desse trabalho na sua propria classe?

—

INSPECÇÃO TECHNICA

Theses

1.ª) Como deve ser recrutado o corpo de inspectores regionaes ?

2.ª) A actual divisão do Estado em 33 circumscripções literarias satisfaz as exigencias da fiscalisação do ensino primario ?

3.ª) Como devem ser recrutados os inspectores escolares municipaes ?

4.ª) Convém que as funcções de fiscaes das escolas normaes sejam exercidas pelos proprios inspectores technicos regionaes ou por inspectores especiaes ?

—

PROGRAMMAS E HORARIOS

Theses

1.ª) Que materias devem ser ensinadas em cada categoria de escolas ?

2.ª) Devem os programmas ser minuciosos ou limitar-se apenas ao plano geral do ensino da materia em questão, deixando ao professor maior amplitude para proporcionar aos alumnos o ensino segundo as aptidões e necessidades infantis ?

3.ª) Os programmas actuaes satisfazem as condições e necessidades do ensino ?

4.ª) E' conveniente que o horario seja uniforme para todas as classes ou deve haver horario especial para o 1.º e 2.º annos ?

—

HYGIENE E EDUCAÇÃO PHYSICA

Theses

1.ª) Dadas as nossas condições de meio, como organizar um serviço efficiente de inspecção medica escolar ?

2.ª) Deverá a inspecção medica extender-se ao corpo docente e ao pessoal administrativo das escolas ?

3.ª) Como formar um corpo de enfermeiras escolares efficientes ?

4.ª) Quaes os meios mais convinhaveis para que se inculquem nos escolares os habitos sadios de hygiene individual e para que se forme nelles a «consciencia sanitaria ?»

5.ª) Como introduzir na escola primaria a cultura physica necessaria á nossa gente ?

6.ª) Qual o tempo a ser destinado, no horario, á educação physica ?

7.ª) O «escoteirismo» poderá dar entrada na escola primaria, como meio de educação moral e physica ?

8.ª) Os methodos de educação physica deverão ser os mesmos para todos os annos do curso primario ?

—

EXAMES E «TESTS»

Theses

1.ª) Como devem ser organizadas as commissões examinadoras ?

2.ª) Qual o melhor systema de exames ? O das promoções tem dado bom resultado ? O processo actual de exames deve ser substituido pelo emprego dos «tests» pedagogicos ?

3.ª) Covem generalizar o emprego dos «tests» pedagogicos a quaesquer provas escolares ?

4.ª) Convém usar nas escolas os «tests» psycologicos ? Adoptados os «tests» psycologicos convém estabelecer-se em cada anno escolar a classificação dos alumnos de accordo com aquelles, para que cada grupo seja differentemente cuidado ?

1) ESCOLAS INFANTIS

1.ª) Qual a melhor organização que se deve dar á escola infantil, para que esta preencha os seus fins? Qual o methodo preferivel?

2.ª) Que meios educativos deve o professor por em pratica, para a formação do espirito da criança?

3.ª) Qual a extenção que se deve dar ao ensino oral e qual importancia que se deve ligar ao canto, desenho, jogos e mais exercicios?

4.ª) Qual o apparelhamento necessario? Como deve ser organizado o horario?

5.ª) Como deve ser preparado e seleccionado o corpo docente destinado ás escolas infantis?

Claudio Manuel da Costa

Controversias a respeito da causa de sua morte. Diversas opiniões de historiadores.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO)

Exposta assim a questão, façamos uma ligeira analyse das allegações apresentadas.

1.º. Não é pequena a variedade de versões sobre a morte de Claudio. Ora, foi o poeta suffocado por dois soldados; ora, foi morto a facadas, tendo sido encontradas incisões na região dorsal; ora, foi envenenado. Ha, além disso, o extravagante boato, a que se refere o Almanak de Minas, de 1864, de se ter o dr. Claudio suicidado, abrindo uma veia com o garfo da fivella dos calções.

Como se podia conciliar o boato do suicidio por essa fórma com o suicidio officialmente affirmado, pelo enforcamento ?

Essa abundancia de versões prova contra ellas.

Sobre a exhumação do cadaver ha duas versões.

Numa dellas tem-se o vigario Vidal e o sachristão; noutra o mesmo vigario, o escravo Agostinho e outro.

2.º Não é aceitavel a hypothese do assassinato, não sómente porque ha divergencia nas tradições que a elle se referem, como tambem pelos motivos que passamos a expor.

A) Poder-se-á objectar que a variedade de versões sobre o modo por que se tenha verificado o assassinato não importa quanto ao fundo commum das mesmas, isto é, não prova que não tenha havido assassinato. Essa objecção poderia ter valor em outras circumstancias; mas, no caso vertente, não.

Com effeito, trata-se de contrariar documentos escriptos, contemporaneos do facto e attestando o suicidio. Não podem esses documentos ser destruidos por uma tradição de que ha versões differentes. Si se estivesse em presença de um documento bastante suspeito, seja quanto á sua authenticidade, seja quanto á sua veracidade, havendo em contrario uma tradição firme e harmonica, então, poder-se-ia oppôr esta áquelle.

B) A tradição segundo a qual o Dr. Claudio foi transportado para a sua fazenda, embora mais inconsistente que a precedente, que a do assassinato, é mais um argumento contra aquella.

Não podem ambas ser verdadeiras.

C) Examinemos a versão relativa ao cirurgião Paracatú. Está entendido que ficam fóra de alcance a respeitabilidade e boa fé das pessoas mettidas na questão e cujas informações foram publicadas. Facilmente se póde uma pessoa enganar, confundindo um facto com outro, em questões desta natureza.

O cirurgião Paracatú contou a um fidalgo, em Antonio Dias Abaixo, que Claudio foi assassinado, mas que, no auto de corpo de delicto, ficou declarado que elle se suicidara. A primeira questão a resolver aqui é a seguinte : Existiu mesmo esse fidalgo ? —Resolvida essa questão, mesmo affirmativamente, surgem duas outras : Quem era esse Paracatú ? E' verdadeiro o facto narrado ?

Dir-me-ão: quem o affirma é o Dr. Heredia de Sá, pessoa de grande respeitabilidade. Ninguem contesta isso, mas o Dr. Heredia declara haver sido informado por outra pessoa, pelo Dr. Antonio Secioso. Interrogado este, respondeu que *se recorda um pouco de ter* ouvido isso de sua tia já fallecida, isto é, que Claudio foi envenenado.

Como se vê, o testemunho desvanece a medida que se procura acompanhal-o, seguindo o seu fio historico. E demais esse testemunho vae esbarrar num envenenamento, o que complica o caso.

O Dr. Mello Moraes affirma que não existiu um fidalgo, vindo com D. João VI, com o nome de Francisco Joaquim Moreira de Sá, porquanto esse nome não figura na lista da comitiva. A isso responde o "Mineiro" que essa lista não é completa, e cita os nomes de dois sacerdotes que nella não figuram e que, entretanto, vieram com D. João VI. Seja como fôr; a duvida fica. Si, invocando os nomes que figuram na lista, não se póde provar que determinada pessoa não veiu entre os fidalgos que acompanharam a Familia Real, quando esta se transportou para o Brasil, tambem não se poderá provar a vinda de alguem, allegando lacunas na mesma lista.

Accresce que dois foram os cirurgiões, e trata-se apenas de um, não se sabendo qual dos dois. Tudo, pois, se prende aqui á esse cirurgião Paracatú. Póde-se crer na palavra do Dr. Heredia, na palavra do Dr. Secioso, na palavra da tia deste, filha do fidalgo ? Dever-se-á crer na palavra desse Paracatú ? Quem era elle ? Seria mesmo um dos dois cirurgiões que lavraram o auto de exame cadaverico de Claudio ?

Não é suspeita a desculpa que elle attribue ao ajudante de ordens do Visconde de Barbacena ? Si tivesse havido crime e precisasse o Visconde de um auto de corpo de delicto falso, evidentemente teria tomado as suas providencias, e não deixaria correr á revelia o exame do cadaver e a constatação do assassinato, para depois ordenar segundo auto, provando suicidio. E que desculpa pueril ! Uma creança entornou tinta no primeiro auto, sendo necessario lavrar-se um segundo ! E Paracatú comprehendeu então o que se queria delle ! Isso é absolutamente inaceitavel.

D) Releva lembrar a outra versão conservada pelo Conego Brito, pessoa tambem de grande respeitabilidade, e que affirma tel-a ouvido em Ouro Preto em 1838, isto é, que o cirurgião-mór do corpo militar, chamado a fazer o auto, e verificando o assassinato por facadas, fingiu-se doido, para não mentir.

Si assim se deu, só depois da recusa desse cirurgião, é que foi chamado o Paracatú; e este, então, teria lavrado um primeiro auto de assassinato por envenenamento, e depois outro de suicidio por enforcamento. E não teria elle sabido da loucura do seu collega ? Que confusão !

E) Temos ainda a versão conservada por Burton, segundo a qual, Claudio foi morto pelos soldados, versão essa que confirma a do Conego Brito, mas destróe a outra, a do envenenamento.

F) Vem ainda a affirmação da parteira Tia Monica, que viu dois soldados carregarem o poeta. Ora si ella viu tal cousa, só podia ser o enterramento e não o assassinato.

3.º E' preciso notar que o auto de corpo de delicto foi feito pelos cirurgiões Caetano José Cardoso e Manoel Fernandes de S. Thiago, que prestaram juramento aos Santos Evangelhos com a presença do Desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, ouvidor geral e corregedor da Comarca de Villa Rica, do Bacharel José Caetano Cesar Manitti, ouvidor geral e corregedor da Comarca de Sabará, nomeado Escrivão da Devassa, de Antonio Joaquim de Macedo, Tabellião publico do judicial e notas, e de José Verissimo da Fonseca, Escrivão da Ouvidoria. Todos esses assignam o auto. Estava presente tambem, mas não assigna o auto, o Alferes Joaquim José Ferreira, do esquadrão pago de cavallaria da guarda do Vice-Rei do Estado do Brasil, que estava fazendo a guarda e que foi quem abriu a porta do carcere onde se encontrava o cadaver.

Abstraindo do exame da posição do cadaver, que faremos mais longe, si esse documento não tem valor e póde ser destruido por tradições varias, vagas e contradictorias, então é preciso desistir de crer nas narrações historicas.

Fala-se que houve mudança da guarda, na tarde que precedeu a noite do assassinato. Que mudança foi essa ? O Conego Brito não nos esclarece sobre ella. Vem Francisco Ribeiro de Andrade e nos diz que fazia parte do regimento de cavallaria de Minas, que montava guarda na prisão de Claudio no dia 3 de julho e que a guarda foi retirada nessa tarde, sendo substituida por soldados da policia.

Ora, essa affirmação não póde ser exacta, pois que, como acabamos de dizer, quem fazia a guarda na Casa dos Contos, nessa noite tragica de 3 para 4 de julho de 1789, era o "esquadrão de cavallaria da guarda do Vice-Rei do estado do Brasil", como diz o auto.

4.º Examinemos ainda outros pontos.

A chamada do Dr. Claudio á presença do Visconde de Barbacena, poucos dias antes do suicidio, e a altercação violenta entre ambos, não tem a minima base historica.

5.º Affirma-se que o auto de perguntas ao Dr. Claudio não é um documento legal, como o confessa o proprio Desembargador Coelho Torres, o qual diz, referindo-se a Claudio : "e logo se enforcou a si mesmo na prisão, ficando as perguntas injuridicas por falta de assistencia de tabellião, e sem juramento, quanto a 3.º : quando cheguei a Minas já isto tinha succedido e fiz que se acautelasse a resposta dos mais pondo as perguntas juridicas e validas".

Conclúe Teixeira de Mello que talvez tenha sido o interrogatorio de Claudio forjado e arrancada a elle a assignatura, para em nome delle culpar outros ou extorquir destes confissões que não deviam elles ou não tinham querido até ali fazer. Demais, a retractação final de Claudio é degradante e não se coaduna com o seu caracter. Talvez então receassem que elle rectificasse o seu depoimento. Talvez fosse indispensavel o silencio absoluto de Claudio. Porque o interrogaram sem as formalidades legaes ? "E' extraordinario e notavel que exactamente ao auto de perguntas de Claudio, entre tantos do inquisitorial processo da Inconfidencia, se procedesse sem as formalidades legaes e assim, no conceito do proprio Juiz da devassa, ficasse sem valor juridico, ao que, na hypothese, bem se póde accrescentar tambem, sem valor moral".

Esse argumento impressiona, á primeira vista. Precisamos, porém, comprehender devidamente a censura do Desembargador Coelho Torres a esse documento.

O Visconde de Barbacena mandou proceder uma devassa na Capitania de Minas, nomeando Juiz, o Desembargador Saldanha, Ouvidor e Corregedor da Comarca de Villa Rica, e escrivão o bacharel Manitti, Ouvidor e Corregedor da Comarca de Sabará.

Essa devassa começou a 15 de junho de 1789.

Por sua vez, o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos, organizou outra devassa no Rio, nomeando Juiz, o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, e escrivão o Ouvidor e Corregedor da Comarca do Rio, Marcellino Pereira Cleto, por portaria de 7 de Maio.

Resolveu depois o mesmo Vice-Rei estender essa devassa á Capitania de Minas, aqui chegando o Juiz e o Escrivão a 18 de Julho, quando já estava adiantada a devassa iniciada pelo Visconde de Barbacena, tendo sido já inquiridas 31 testemunhas.

Ficavam assim em presença as duas devassas.

Nasceram dahi attritos e desaccordos, aggravados pelas maneiras do Desembargador Coelho Torres, conforme se queixou o Visconde de Barbacena.

O Desembargador Coelho Torres apontou logo irregularidades na devassa que estava sendo feita; mas não restringiu apenas a sua observação ao caso de Claudio. Ahi está um engano dos que atacam a authenticidade dos documentos.

As irregularidades, por falta de formalidades legaes, existiam em outros depoimentos, como vimos a proposito do Padre Rolim, sómente, em relação ao Dr. Claudio, era o caso irremediavel, por ter o mesmo fallecido.

Por isso, declara o mesmo Desembargador que tratou de acautelar, quando aos outros, tornando juridicas e validas as perguntas. Logo, as irregularidades não existiam só no depoimento de Claudio, e não podem significar o que se pretende agora.

O Visconde de Barbacena reconheceu a illegalidade de duas devassas, mas como estava já a sua bastante adiantada, ordenou ao Juiz Saldanha que reperguntasse os réus na presença do Escrivão nomeado pelo Vice-Rei, que era o Desembargador Marcellino Pereira Cleto, o qual "assignaria e daria sua

fé nos summarios de perguntas, para serem depois continuadas no Rio de Janeiro".

Assim, emquanto, os ministros de Villa Rica iam inquirindo as testemunhas já intimadas, os do Rio de Janeiro iam perguntando as que já haviam deposto. Ora, isso não se podia mais fazer com Claudio Manoel.

Houve não pequenas divergencias entre o Visconde de Barbacena e o Desembargador Coelho Torres, ou melhor entre aquelle o Vice-Rei. Cada qual queria sobresahir no zelo pelo serviço de El-Rei; dahi os excessos em que cahiram, e as irregularidades que commetteram os incumbidos das duas devassas. Em officio ao Visconde de Barbacena, o Vice-Rei lastimou a demora do Desembargador Coelho Torres em voltar (Barbacena creára muitas difficuldades á devassa por este dirigida), "para que mais promptamente se informasse a S. M., e fossem mais cedo legalmente perguntados os principaes réus remettidos por V. Excia e presos nas fortalezas desta cidade (Rio), para a respeito delles não succeder por qualquer modo o mesmo embaraço que occasionou a não esperada morte do Dr. Claudio Manoel da Costa, igualmente réu que elles".

Resulta, pois, que é um engano completo de Teixeira de Mello, Xavier da Veiga, Eduardo Machado e outros, quando acreditam que só em relação ao interrogatorio de Claudio Manoel não se preencheram as formalidades legaes. Acabamos de ver que assim não se deu. Tratava-se de um defeito geral que o Desembargador Coelho Torres apontou e tratou de corrigir quanto aos outros, não o podendo fazer quanto ao de Claudio.

Ha ainda uma circumstancia que se não deve esquecer. Pela Carta Regia de 17 de Julho de 1790, em que instituiu a Alçada, diz a Rainha: "Havendo por supprida qualquer falta de formalidade, e por sanadas quaesquer nullidades juridicas, positivas, pessoaes ou territoriaes, que possa haver nas ditas devassas, resultantes das disposições de direito positivo, attendendo sómente ás provas, segundo o merecimento dellas, conforme o direito natural".

Devemos considerar ainda que não é absolutamente crivel fosse o Juiz da segunda devassa apontar os defeitos de um interrogatorio feito na primeira, si esses defeitos denunciassem um crime commettido pela propria auctoridade encarregada de distribuir a justiça e fazer os summarios de culpa, indagando dos culpados para entregal-os ao poder publico. Poderia esse Juiz, dada a sua situação, a 18 de Julho, em Ouro Preto, 14 dias depois do supposto crime, ignorar a versão do assassinato, maximé si já corriam tantos boatos ?

Não vejo em que houvesse necessidade de forjar-se um interrogatorio e forçar o Dr. Claudio a assignal-o, "para em seu nome culparem os outros implicados no levante ou extorquirem-lhes com mais segurança confissões que não deviam ou não tinham querido até então fazer"., como diz o Dr. Teixeira de Mello. E' attribuir aos Juizes do processo uma infamia sem nome, infamia absolutamente inutil. E, aliás, quando interrogaram Claudio, tinha já o Visconde as delações de Joaquim Silverio, Brito Malheiro, Corrêa Pamplona, Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade e Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, todas de Abril e Maio.

Talvez fosse indispensavel o silencio de Claudio, pondera ainda o Dr. Teixeira Coelho. Para que ? Porque temessem uma rectificação de Claudio ? Mas, nesse caso, é preciso admittir a authenticidade e legalidade do interrogatorio, para crer no assassinato. E, si o interrogatorio não era falso, que temor podia mais inspirar um homem, que se portára de modo tão lamentavel ?

6.° Resta a consideração relativa ás humilhações a que desceu o Dr. Claudio, nas suas respostas. E' uma tristeza ler o que elle depoz.

Como se contradiz; como accusa os outros e se innocenta; como fala no distico lembrado por Alvarenga para a bandeira, e esquece o que elle mesmo propoz; como se injuria a si mesmo, e se humilha, e se degrada !

Claudio não poderia ter dito semelhantes miserias: é o grito de revolta, que não conseguem algumas sopitar.

Esquecem-se de que é precisamente nesses momentos tormentosos que se revela o verdadeiro caracter de um homem. Numa época facil, a vida de Claudio correra feliz, sem graves contratempos. Chegou o momento de suprema provação, e elle succumbiu.

Não temos visto phenomenos contrarios? Maria Antonietta, rainha da França, certamente muito calumniada, assignalava-se entretanto pela sua leviandade, cuidando apenas de festas, sem preoccupação alguma na vida. Sobreveiu a tormenta revolucionaria, e ella ergueu-se de um salto a uma altura sublime. Sobre ella desabaram de subito as mais tremendas desgraças; curtiu as maiores amarguras, soffreu as maiores humilhações, tragou soffrimentos inauditos, e revelou-se serena, magnanima, sem jamais descer um ponto de sua dignidade, conquistando na desgraça uma corôa muito mais gloriosa do que a que lhe ornava a cabeça como rainha da França.

Veremos dentro em pouco, Tiradentes, homem sem a cultura e sem os merecimentos do Dr. Claudio, dominar de alto o seu tremendo infortunio.

O Dr. Claudio não; apenas lançado na prisão, perdeu a dignidade.

Sirvam-lhe ao menos de escusa a edade e as enfermidades.

7.º Uma outra consideração do Dr. Teixeira de Mello, e que nos causa verdadeiro espanto, é a relativa á possibilidade de conhecerem os poderosos inimigos de Claudio, o perdão futuro da Rainha, sabendo elles que a carta de commutação teria de lavrar-se, si já não o estava, e que só para Tiradentes não haveria perdão; tentando assim justiçar elles mesmos o seu inimigo. Assim como tiveram os Juizes a coragem de manter secreta a carta regia de commutação, datada de 15 de Outubro de 1790, até o ultimo momento, até fins de abril de 1792, assim tambem poderiam ter para com o Dr. Claudio, esse inqualificavel procedimento.

Essa conjectura é absolutamente inacceitavel. Como se poderia cogitar de perdão da Rainha, quando apenas fôra iniciado o summario da conspiração, e nem era possivel conhecer ao certo a extensão e importancia do mal?

Os primeiros interrogatorios de Tiradentes, realizados de Maio a Dezembro de 1789, foram sem importancia, porquanto elle se refugiou na negativa; e só no seu quarto interrogatorio, a 18 de Janeiro de 1790, resolveu-se a dizer tudo. Como, pois, se poderia saber em Villa Rica, em 2 de Julho de 1789, que só Tiradentes seria exceptuado no perdão?

Releva notar que a primeira communicação feita pelo Visconde de Barbacena ao governo portuguez data de 11 de Julho de 1789, enviando elle depois noticia mais completa, acompanhada de copia da devassa em Minas, a 10 de Fevereiro de 1790. E' isso que se vê da carta dirigida ao mesmo Visconde de Barbacena pelo Ministro Martinho de Mello e Castro, a 29 de Setembro de 1790 (1)

E', pois, absolutamente impossivel que, em 2 de Julho de 1789, em Villa Rica, os inimigos de Claudio, embora muito altamente collocados, pudessem conhecer quaes as disposições do Governo portuguez relativamente á uma conspiração de que este não tinha noticia.

Basta notar que a primeira denuncia foi entregue ao Visconde de Barbacena, em Cachoeira do Campo, a 19 de Abril de 1789. Dessa data á morte de Claudio vão 75 dias. Não falando em quaesquer delongas necessarias ás deliberações, providencias, etc., e notando que a viagem de Villa Rica ao Rio, ida e volta, absorvia no minimo, 20 dias; ficam 55 dias para a ida e volta do Rio a Lisboa. Absurdo!

---

(1) Mello Moraes. — *Brasil Reino.*